

O HOMEM DESPEGADO EM OLHOS

e outros POEMAS



Pedro Du Bois

Espelho, espelho meu, existe
voz que reflita mais do que
o Projeto Passo Fundo?

O reflexo das vozes é o
Projeto Passo Fundo, site
que faz a diferença por
oferecer, entre tantas
formas de cultura, a
literatura... Reflete autores,
épocas e estilos em
diferentes obras. Não se
limita a apenas
apresentar os escritores,
também, faz uma
explicação refinada,
imparcial e absolutamente
transformadora ao refletir
as vozes dos autores
do passado, presente e
projetar as do futuro.

**(Tânia Du Bois,
O EXERCÍCIO DAS VOZES).**

O **HOMEM DESPEGADO** **EM OLHOS**

e outros POEMAS

Pedro Du Bois

Poesia

1ª edição

abril/2019



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetoportunofundo.com.br

e-mail para contato: projetoportunofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa, revisão e diagramação: Tânia Du Bois

Arte da capa: Foto / 1990 / acervo de Honorina de Quadros

Ilustrações: Maria Lucina Busato Bueno / 1983

Márcia Beatriz Aliprandini / 2004; Paulo Siqueira / 2009

D815h Du Bois, Pedro

O homem despegado em olhos e outros poemas
[recurso eletrônico] / Pedro Du Bois. – Passo Fundo : Projeto
Passo Fundo, 2019.

9,3 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-382-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetoportunofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

talvez sejamos apenas
olhos despegados a fazer
as contas na infinitude
de outros poemas
que nos (a)colhem

O **HOMEM DESPEGADO** **EM OLHOS**



(Maria Lucina Busato Bueno /
Canção da Liberdade 1/ 1983/ Projeto Passo Fundo)

Sou destino. E destinado.

Verbo conduzido.

Chuva sobre terras
despreparadas colho
semelhanças: escuto músicas
traduzirem

esforços. Silencio
meus olhos ao arrepio
da lei ensinada
enquanto.

Minha resposta
aposta sofreguidão
em almanaques.

Algo sensato: incenso.

O esquecer da partícula
na particularidade
esquecida
em afazeres.

Além da solidão
resido
espaços: espaçosos ritos
desculpam
os afetos: efeito
praticado nos adeuses
das posições
previsíveis pelo exercício
contorcionista dos espelhos
na captação de imagens
e recursos.

O recurso de rever
na novidade
o antigo. No esforço
o descanso.

No olhar repousam certezas
impostas no reconhecimento.

O transcurso da imagem
antes da rotina. Como
sempre.

Exercito a possibilidade
ante o descrédito
com que a palavra
amor
solerte
e soletrada
se distancia
dos olhos fixados
em cores: depois
a perda se consubstancia
na tristeza: hora
fechada em olhos
descobertos.

O proposto denota incerta
revisão: vejo entre vírgulas
o desencontro

*“talvez no tempo
da delicadeza”.*

Nada vejo: antevisto
em concordâncias
tenho o desencanto
dos que sabem
 na vigência
 a ocorrência
 dos aplausos.

Vezes me habito em olhos.

Cego. Conservo movimentos
não lineares do corpo
ante o espaldar.

Completado em saliências
desconforto meus pés. Adiante
recuo o sofrimento. A mim basta
ser o indecoroso olho à espreita
do seu corpo.

O maléfico se resguarda em multas.
Anseia o aprisionamento em si.
No se abrir restabelece o enredo.
Conhece as peripécias no engodo.

O olhar se distancia em ofertas.
O despertar desconhece auroras.
Permaneço em alba substituição
do que recordeo.

Tantas vezes mantive
os olhos abaixados
em atoleimados
princípios
avessos
ao descobrimento
da vontade na dispersão
do efeito: cansei do espanto.

Recriado em novimentos
desponto pupilas
alvissareiras: açúcares
desprovidos de guloseimas.

Pensei esquecer
de chavear a porta.
Trancada
à vontade no quarto
despojado de medos
e arremates. Trancei
pernas em diapasões restritos
em tons: início e meio.

A metabolização do esforço
em coisa alguma: abertas
em disparidades as portas
permitem a exibição do sexo
dialogado entre partes.

Uno: único olho
repartido. Visão
desconsertada: ambiciono
a totalidade onde a vista
alcança o fragmento: quem
em sã
consciência
demove o olho: castigado
em imagens no desprestígio
insisto recolocar a linha
visionária ante o prazer
de ser quem olha o objeto.

O som imagina
o que o olho despreza
da realidade no tom
do corpo revisto.

Olhos acompanham
a simetria na dedução
do enfoque ao distanciar
o corpo: cresce quem se reveste
da propriedade ocular.

Seja o absurdo desmesurado
antagonizando o gozo.

(Quanto). Corpo revestido
do perigo entrevisto. Somem
sombras descaracterizadas
na completeza de quem recolhe
as mãos na aproximação do estupor.
A infinitiva deformação do olhar.
Cortina entreaberta ao soslaio
no cativo reconhecido.

O despreparo impele os olhos
ao firmamento: longe se faz
o tarde antecedendo o cedo.

Cego em paixões alguns
se deixam iluminar
quando anoitece.

O olho se farta
em incredibilidades:

só o que transita
se comporta na condicionalidade:

onde fatos se esfalfam
em diatribes.

Perguntas nas explicações
debicam pássaros retidos
em voos de solicitude.

Emparedados olhos
desconstroem caminhos.

Ao aflito servem
iluminações desprovidas
de contexto. Nem em cantilenas
o desforço olha
a apropriação do corpo
sobre o que nada
reconta de mim.

Ao véu ofertado em disfarce o desconhecer
é viés de pensamentos na introspecção
do âmbito familiarizado pela posse.

Ter sobre o outro a veleidade
de ser autônomo
em sinonímias.

Confusa forma a esfumaçar
a manhã em sóis. Soergo
a armadilha no olho
despegado
em finalidades.

Adjetivo: terrível
a sensação no distinguir
em sentenças
palavras
de felicidade.

Nem tudo é incerto
sob a chuva: a perda
contemplada na fotografia
e
o
desdizer
da voz ao telefone.

O desejo se reveste da água derramada
em olhos: abundância de frios desafios.
A franqueza dos gastos em previsões.
Sempre há quem aguarde o sobrevoo.

A necessidade alimenta desejos: mesmo
que os deuses se habilitem em frustrações.

O definitivo expande
irresponsabilidades: gira
em meu eixo
sobretudo.

No início o resquício
surpreende quem se aproxima
trazido pelo imponderável.

amanhã a repetição
contempla: calores
abrasam a finitude
até as cinzas
se fizerem
pedras logo
adiante.

A possibilidade torna
indevido o esforço.

Desacompanhados
olhos perduram
sobre a presa:

conheço nos hábitos
a certeza do propósito.

Com as luzes
apagadas o predador
sente cansaço: a presa mede
distâncias
com olhos
diagramados.

Em cada decisão o erro
se confunde: onde os olhos
se desinteressam?

Em toda pergunta
remanesce a dúvida
pelo incomparável.

Assim o destempero
se reapresenta em murmúrios
e palavras
e gritos
e atos.

Em cada resolução o terreno
se amiúda: antes do tempo.

Sentado: aguardo a transmutação.

Água e vinho.
Água e azeite.
Água e presente.

Olhos decompostos.
A precedência contradita.
Inigualável.
A pluralidade guarda
em unidades o espaço:
em desagrado.

(Sou caminhos opostos: desvirtuados
em esquinas. Bifurcados.

Nasço na esperança do retorno:
sou regresso. Enquanto for
embora estarei. A sina
indisposta ao pré-disposto.

Indigitado corpo
discorro
traumas.

Faço-me felicidade.
Desfaço-me.

Outros voos completam
a cena: cidades
sucedâneas em mesmices.

O local conhece
o espaço localizado
em minha efemeridade.

Feitas as contas tenho no reverso
outra história. Amuletos protegem
o ressabiado das horas
aprofundadas. Soa o alvorecer
além do conhecido.

Luzes acesas esvoaçam sombras.
Sempre é palavra difícil de abarcar:

transito novidades
desdobradas: outros
caminham em direção ao proposto.

Alguns resultam
de olhos entreabertos.
O conteúdo conectado
em luzes permite.

Repúblicas conservam
títulos nobiliárquicos
em lembranças.

O copo com água
sacia: sedes
desconversam gargantas
ressecadas
ressequidas
elevadas ao condicionamento.

O contido no anteparo
revoa consequências.

Desde que hora enfim
refaço as dúvidas

se aos pagamentos
são exigidos recibos
e neles cabem
carimbos
e assinaturas. O tempo
reveste a dívida
do impagável extrato
em que se acumulam
olhos arrebanhados
no contrato: nada sei.

Olhares repelem avistares adiante
e além do propósito: amores dispensam
modos em motivos: amo na proporção
do seguimento. Entre atos de cantares
olhos abraçam amorosamente. Em emergências
opero a constância: em casa os olhos
refazem o que veio antes.

Mulher seduzida em votos
desposa futuros filhos.

Despojada em trabalhos
emprega suas forças.

Não desmereço quem se oculta
aos olhos em tempestades.

O sofrimento desloca
o espaço em desandares
ensolarados no amanhecer.

Nuvens sustentam
instabilidades: sobre
meu corpo a mulher
desobedece regras.

Exemplares de tantas coisas
exibidas em novidades: repleto
dos aconteceres em nove horas
o trabalho restabelece consensos.

Após o horário a chegada
se anuncia em favores
e favorecimentos.

A extrapolação nos olhos
reacende o recebimento:
ser revisto conforme
a pureza das respostas.

Estropícios renomeados
avançam sobre tropas
treinadas na exaustão
dos inimigos: elementos
na contradição do bicho
ao homem intentam
haveres em que nada
persiste na provação.

O perambular da antena
sobre a casa na desproporção
entre o olho e a visão em telas.

Oferecidos em destempero
lembram a enormidade.

Árvores infrutíferas
assolam. Concretas casas
desfeitas em lágrimas.

A frase encurtada no arrebatamento
pela palavra reescrita no desacerto.

Suas lembranças se afastam
no medo do retorno: nenhum
adulto se refaz criança antes
chegue a morte
em encerrados olhos.

Pele enroscada ao corpo
na tradução do quanto.

Quando a presença presencia a obviedade
do esteta na procura da circunstância.

Corpo enlevado em peles desdobradas
rugas de quando. Quanto a parte
repete na autoridade deslindada
em breve gesto.

A ordem repartida em cedo
entardece a obediência.

Na repetição incidem
boas maneiras
 de conheceres atados
 no conseqüente: quisera
 o poder encarecer
 aos deuses a existência.

Acompanhar em céus
de outros tempos o descompasso
em ser a humana configuração
do conflagrado: olhos
sobre sombras em pecado.

O líquido sorvido
desobedece: engasga.

Em extremos a água
habilita descompromissos.

Evapora em pedras.

Congelada ideia de objetar
o dia na evaporação da bruma.

Olhos lavados recriam sonhos
esquecidos: reabrem o escondido
 em novos olhares.

Tenho por objetivo
o objeto.

Tenho o afeto conservado
pelo tempo: recrio de olhos fechados
a imagem da mulher consciente
na irrealidade.

Contemplo a terminação
do ódio em indiferença.

Versos cadenciam
ritmos: palavras representam
olhos descobertos em ensinamentos.

Espaçado no tempo a vida se desenrola
em narrativas: pular o próximo
capítulo e encontrar no minotauro
o labirinto onde esconderijos
guardam viveres.

Alimentado em mim na decomposição
da matéria tenho na inconsistência
a enormidade com que me altero em vida.

Transportado em meios: desde antes
a viagem incompleta dos deveres
e haveres contêm mentiras: tenho
o excedente e o acondiciono
no restante do que sempre
tive - estendido corpo
da mulher em seres
por aqui.

Duas meninas assistem suas férias
passarem em reconhecimentos:

deduzem
em não saberes
suas inconstâncias.

Seus olhos diminuem
o espaço em percursos
decorridos ao faz
de conta: descontam
em coloridas telas
a impossibilidade do contento.

Repetem músicas.
E reaprendem ofícios.

A janela admite a paisagem:

reagrupa blocos
concretados de vidas
cotidianamente preenchidos
com afazeres: sustenta
o horizonte restrito
entre prédios: em dias
aclarados de mistérios
demonstra o verde
preexistente. Contempla
vozes anunciando
o final do expediente.

Em árvores abominadas
folhas transitam
vias: terra rasgada
na distância: permanência
do espectro
da modernidade
em ditos
e ritos
e arrebatamento.

Em geminadas casas
habitam seres imobilizados
em setores desproporcionados.

Algumas vagas lembranças
entre desesperanças.

O retorno contorna
razões: ir embora
consente à frente
o interesse
na indiferença.

Alguns conscientes em si
se oferecem ao sacrifício.

Outros artifícios.

O contorno confronta
a ideia realizável.

Tenho a maldade: maltrato impingido
ao corpo. Minto insanidades
na contrariedade amorosa: exorcizo
obrigações. Quebro a cabeça em busca
do inominável. Maldigo.

Em maldita instância resguardo
minha deformação: expando a unidade
diante do verbo no reinício: soffro.

Considero a tratativa mero esboço
condensado
ao ouvido: revista
declarada no ato.

Na amostragem a tinta
revolve coberturas.

De onde vem a visão
inoportuna: ressurjo
a ideia do despropósito.

Hoje o nível do rio
se torna previsível

sua corrente
arrefece
a paisagem.

Entre margens desconforta
o instante da passagem
e o barco
em lentidão se pronuncia
viagem: hoje a repetição
renova águas
e o barqueiro
se sustenta em remos.

Sendo o defeito
o efeito
de algo feito
o desfeito
gera lembranças

feito confeito sobre o bolo:

razões para casais
comemorarem refeitos
em si mesmos.

Querer o âmago
inscrito em pedra retirada
do solo antes do acontecer.

Desconsolo refeito
em extintas chamas.

No íntimo sinto a espera
em moucas escutas
de ouvidos tantos.

Olhos em anteposto
espírito: na corporificação
recordada pela estima.

A visão turvada no excesso
de ser vigilância e animal noturno

a pureza de quem vê
o que não prejudica

o juízo inconstante dos resultados
abreviados em placares.

A indecisão do absorvido
na prova. Quem não
se contrai no esforço
de se querer feliz.

Tantos exemplos de solicitude.
Horrores avassalam olhos
ao contemplar desejos.

Ulterior descoberta
dos excessos. Exceção
em gritos e torturas.

O desastre na antevisão
perdura o mistério da linearidade
em que me encontro.

(para uma amiga)

Consigno carona
com quem me conduz
em cruzamentos.

Dispensada em sinais
comporto esperas:

atravesso faixas
na segurança
de quem avança
quilômetros
antes de reabastecer.

Não me incluo ante o medo
de ser apenas quem transita
na obrigatoriedade do trajeto.

Penso a evidência
auxiliar do crime
no desdizer
testemunhas.

Considero prazos
prescricionais
nas provas coletadas.

Visão embaçada
de quem se diz prisioneiro
do fato elencado verdade.

Tento juntar as pontas
do cadarço e escolho
ficar frente à janela.

Espaço: derradeira tentativa
de esconder o fosso
entre correntes. Desagregada
forma de finalizar
o contrato: resquícios
de amores engessados
em estátuas desprovidas
de faces voltadas
ao norte de quem sai
de casa. Tempo
preenchido em ligeiras
histórias de fazer as contas
pela perda diante dos olhos.

Alguém repercute a história
e o desacreditado ressurgue em votos
: a sinceridade refulge o avistado.
No esboço repousa a obra concretizada
- abstração diagramada. Alguém pernoita
sua sina em cama mal dormida. Creio
na impossibilidade do acesso
em que me ausento.

No profetizar a cegueira
 introduzo o espírito
 ao infinito. Possibilidades
revoam trevas
onde evocam particularidades.

Desejo inconfessado
atrás do espelho: margem
indisposta em medos.

Sobre cores desbotadas
da lembrança transcrevo
nas paredes de apoio
a insubmissão do corpo.

Predições se destacam
ao enfatizarem futuros
inexistentes: apostas
 apontam
 resultados
 em construção.

Olhos fixados no nada
reproduzem o passado
em passos alentados
de possibilidades: vejo
o cotidiano deformado
no continuado ser
dos mesmos gestos.

Diversões inventam
maldades sobre o outro
residente

em mim. Votos
castiços e contíguos.

Vetos
contidos em confissões.

Vistos
sobre a terra iludida
em diversas plantações.

A invenção repete
a maldade em que me espanto.

O erro vendido
em farsesca conversa
se converte na destinação
de quem me propõe
a narrar verdades. O tempo
desconstruído em alagares
se consubstancia em algo
deixado em contentamento.

Erro o critério
das danações
e horrores: alguns
animais se omitem.

Receio a ação: movo a indolência
no consentido entre descansos.
Considero em passos a dança: repito
em silêncio os movimentos. Ante
o cumprimento respondo acenos.
Amanhã meus olhos verão invernos:
o cansaço retribuirá inércias pelo corpo
descansado.

Mesmo havendo o poeta de palavras
elencadas ao amor no propósito.
O conteúdo exemplifica a ordenação
mística na aliteração insensata
do que não se repele.

Ao poeta cabe olhar
através do translúcido
ao se declarar culpado.

O inverso decomposto se oferece
proprietário na prova
do incontestado: traz a melhoria
na divisória
entre o possível
e o pássaro:

na desconsideração do espaço
atemporal dos projetos
levados pela sobrevivência.

Corpos escassos em roupas
desdobram vendas
em que se apetezem: mesas
com homens insaciáveis
recobrem o fortalecer
da miséria em roupagem
desprovida de humildade.

Perto se desdobram favores
em pagamentos
de contratos alterados
pela vontade: abutres
sobrevoam rostos
até (então) simpáticos.

Que propósito guia
a estrela?

Ao redor deste
universo reverberam
corpos na distância
(a)guardada
em salvaguarda.

Que despropósito desvia
o corpo
se no contato
resta intimidades?

Com olhos cerrados
consisto minha inexistência.

Sonho mulheres
e lugares. Filhos
prometidos.

Ávido em ações
transmito a possibilidade
de ser alguém ante o nada.

Em desacordo com a hora
retransmito no jogo
a perdição.

Minha voz eleva tons em discussões
perdidas. Conformo a circunstância
da partida: feito esteta da fome
que me consome em arrepios.

Arredio ao sucesso meço distâncias
em jogos de salão: afunilo a sorte
ao desdobrar ruas insignificantes.

O desperdício se resume na paisagem
entre olhos:

vontade de estar ante
e adiante
de firmamentos
horizontalizados.

Transitar no indeclinável
esforço de me fazer eterno.

Agradeço pela atenção
indispensável a quem
se atrasa: inutilizado
 no tempo decorrente
 decorrido
 recorrente
 socorrido: horas
transmitidas em esperas.
O corpo tremular se nega
ao interesse dos olhos
como prova: improvável
sentimento de quem quieto
é outro em si mesmo.

Oportunidade oferecida
em apreço: desconto.

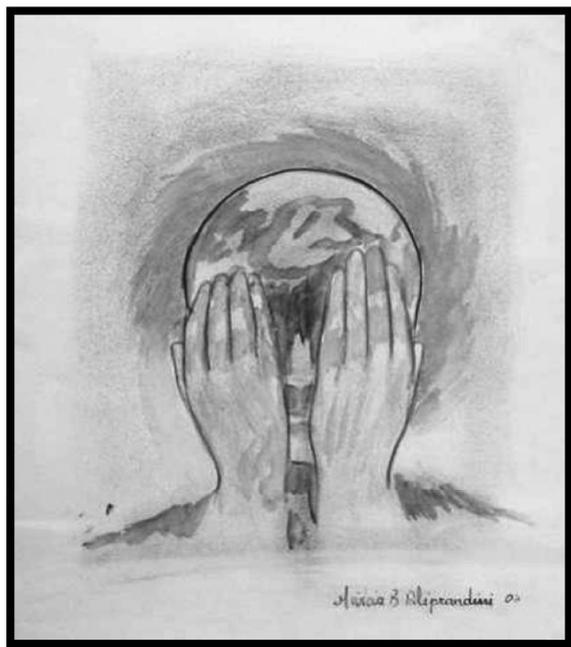
Recontagem dos corpos
embarcados: gosto
de quem transita bordas
de progresso. Amo
olhares despejado no imóvel
criticar do que avisto.

Invisto minha delicadeza
sobre a oferta - agora
deixada de lado: logro
permanecer ocioso
em olhos abertos.

Após o que cada
um em mim deseje
ver
de onde
estamos: a estima
decorre
de quem for chamado
antes esmaça a cena
agora habitada
em segurança: após
o apagar das luzes.



FAZENDO AS CONTAS



(Márcia Beatriz Aliprandini /
Aquecimento Global / 2004 / Projeto Passo Fundo)

1ª. parte - Generalidades

O tom da despedida: junta
palavras indizíveis
e o discurso
resgata ideias
dispensadas: o barulho
do martelo sobre a cabeça do prego
introduzido na parede em concreto
ato de desperdício. A exposição
aderente da tela no espaço
circunscribe o tempo
assim condicionado.

O barco balança o espaço
de estriça ancoragem. Águas
passantes
e as correntes
marítimas da ansiedade: aportado
em obrigações
permanece balançante. Joga n'água
o restante em desgastes
e óleo. Sombra lançada
à contragosto demonstra
a carcaça ressequida
em estar presente.

O dia alcançado
em miudezas se desfaz:

resta o verbo: condicionado
em reconhecimento.

Desventura e degrado.
Segredo.

Amiudada forma desfeita
em escurecimentos e reformas.

Escurece antes de a fantasia
absolver a realidade
dos fatos
decompostos: olhares
piedosos
e a espiral levada
ao extremo retorno proibido
dos amantes
em subterfúgios.

Verdades em camas
separadas no silabar
dos atos em palavras.

Diz. Sobre o acontecido diversifica
o testemunho. Realimenta a dúvida.
Desdiz. Contracena o esforço
do despropósito traduzido ao corpo.

Antes e depois: perdura.

O perdão solidificado em vínculos
traduz a culpa: não arremete
o conteúdo esvaziado
em formações etéreas
de suspiros. Contempla
a mulher descabelada em horas:
antes retorne o amante
antes contorne o instante
antes deposite a dívida
antes o todo acabe
em silêncio.

A valentia salvaguarda o medo
psicótico da normalidade: heroico
gesto de renúncia. Anônimo
substantivado em laços.

O enlace contraria
a amplitude da batalha.

O neurológico remediar do repto
lançado em rendas: rede
lançada à água: redemoinho.

Que o vendaval sucumba
ao espaço. Que o terremoto
reponha a terra. Que a maresia
retorne o ferro. Que a montanha
se contente em parir o rato.

(Dito: não aceitar o crepitar
do fogo naufragar a vela
acesa em homenagem).

Roto desfeito em andarilhos
passos: caminha no despropósito
de levar a vontade inimaginável.

Assim feito. Afeto.
Enfeitado.

Assim dito em verdade.
A venda sobre as vistas.
A tipoia.
A obrigatoriedade da cédula
de identidade: no final
nada resta
como verdade.

Vontade contraída
na diversidade.

Os meios transportam estradas
de ferro
vias aéreas
vagas descobrem barcos
ao largo.

Meios refletem nuvens trespassadas
em setas. Seitas repetem dogmas.
Sítios redescobertos.

Meios ultrapassam a finalidade
mal explicada no transporte
devido ao corpo inerte.

O calor demove o corpo na vontade
da participação. Suspensa pugna.

Na indiferença reside a imagem.
A oferta condiciona o ego
ao desencontro: na pista escaldante
o deserto mira
objetivos agravados
na ansiedade. Remove o corpo
ao atingir a sombra. Deixa
a brisa encenar
linhas indeterminadas.

A maldade simplifica o reconhecimento.
Desigual: aos bons determina
preço e peso. Amaldiçoa
em medos o contraste ilumina
artificialismo: desguarnece
a boa vontade.

O recurso com que se abastece
em dias de repetições: inveja
a ultrapassagem
devida ao vento. Aragem insípida
da vitória. Medos repetem horas
anteriores.

O recurso deposita
lágrimas irrealizadas
na trajetória possível
do regresso.

No desperdício a esperança
da contenção: esforço
desmerecido ao futuro.

Gasta a efemeridade
em sonhos
de posteridade: deixa
ser levado ao oposto
da racionalidade e retorna
em desejos de milagres.

No última dia conhecido
receia o próximo em continuidade.

Desfaz cenas
embaralha provas
desconsidera evidências.

Teme a recondução
ao cadafalso: reconhece no corpo
a propriedade antes finde.

Relegado ao esquecer implora
a individualidade do sacrifício.

Oferece-se ao altar.

No desdobrar da história reconhece
no sino o silêncio da elementaridade.

Ser desprezado em lágrimas
conduz a servidão ao desabrigo:
o fogo consome a floresta.

Busca o ponto indefinido. O espaço
inexiste no toque
suavizado da mão
sobre o corpo.

Manipula: estranha o consentimento
em desvios
e esquivas.

A realização da glória inferniza
demônios: brincadeira em serviço.

A autoridade guiada ao estimular
da posse: poderio guardado
em chaves
e segredos.

Abrir a porta.
Reabrir a porta.

No enfrentamento reconhece
a promessa: revive dias
de melhores ensejos.

Indefeso gesto de resguardo:

na escuridão
do quarto
arruma as cobertas
e cobre (cuidadosamente)
o corpo
indefeso.

Partilha o desconhecido
realimentado em sonhos: a voz
repete o ininteligível.

A cada um cabe

a contento: frustrações
e raivas
sorrisos
e risos
siso
e alegorias

a cada dia conseqüente
remontam horas esquecidas.

Lembra ser a repetição
indutora do sentimento:

a cada um sabe o sustento.

A parte sobrestada ressurgue
em gritos de salvamento: quer
o alimento. A força necessária
no abuso e o choro fingido
dos amantes. Ama o propósito
de ser autônomo na consideração
em que sua vida se absurda.

Surdo clamor destroça
a parte ao todo. Nada
sob a terra crestada
na sobrevivência.

Busca a peculiaridade do estorvo:
estabelecido em contornos
risca
no horizonte
o zênite:

esconde o dia
em reproduzidas notas
sem amanheceres:

ao ser perguntado
omite a insignificância.

Entrega segredos.
Estorva.

O deslize é a suficiência
do castigo: grifado
em sentenças aborrece
dias prisioneiros. Sente a maledicência
dos aproximados em ferragens: mata
a saudade com lembranças
de afogadas mágoas: castigado
em limites transgride
regras na sinonímia
de outras coisas.

O cio principia a permanência.
Acasalamento. Nascimento.

A continuidade determina o racionalismo:
a mente inferniza
o corpo coeso.

Multiplicadas espécies
em seguimentos enumerados
na alternância. Desiderato
considerado pelo extremo.

O homem carregado em triunfo
pensa a decorrência.

O homem desprezado em derrotas
compensa a inconsistência.

Ataque e defesa: a multiplicidade
desencontra a efemeridade.

O homem deixado em empates
se aposenta após tantos
anos de trabalhos recorrentes.

Em uníssonos
vozes completam o silêncio:
o poeta compõe
o espaço em que se enreda.

O barulho acostumado
na permanência.
O poeta enredado
em poentes.

Posto em sossego o discurso
desvirtua o texto: o enredo
desemboca rios de águas planas.

O poeta acorrentado
ao desejo.

Leva o recado: ouve a proposta.
Retransmite a vergonha ao ser encontrado.

Fruí.
No frigidar dos ovos
sabe do prejuízo: reconta
destinos de forma diversificada.

Ao que foi dito
acrescenta
ao que foi calado
decanta
ao que foi sugerido
engole em seco
e sai.

Soube do tesouro
(não acreditou)
rasurou o mapa até se perder
em buscas desconsideradas. Ressecou
a árvore. Esqueceu a caveira.
Errou os passos.
(desacreditou)

Outra vez o sonho embaralhou
paisagens e destituiu ouvidos.

Descrédito partilhado
em obras de caridade.

O começo na finalidade.

O fim em regresso.

Contas zeram possibilidades.

Números complementam
a desforra.

Vontade: inatingível.

Escolhas e prestações de contas.

Hora diversa.

Horário desmarcado.

Frases desconexas tecem textos
originalmente estéreis: multiplicação.

A sensação do horror instalado
entre as flores. O desfazer do tema.

Hora diurna.

Horário conseguinte.



3ª. parte - Fruição

A avidez concentra em distâncias
a possibilidade do reenvio
da postagem: palavras lidas
em futuros. O dia
de hoje encoberto em tumbas
mal fechadas. A noite passada
em portas encadeadas de corpos
indisponíveis. Ávido reencontro
desenvolve medos: oferece temores.

Em dias aventurados
de costumes desacostumados
ao hábito.

Alimentado em haveres dispensa
os olhos: estômago ampliado ao limite.
Peso carregado em entretelas. Jogo
terminado. O sofrer no arrependimento.
O bastante na constância dos dias.
Haver passado pela extremidade
não assegura a solicitude.

O caminho traz o encetamento
das distâncias. Ano após ano.

Ter razões: o lamento do ancião
dor abandonada
o pranto do menino
dor iniciada
o choro do recém-nascido
dor configurada:

luzes interrompem a hora
em que se entristecem
os sobreviventes.

A pimenteira apetece.
A oliva amarga.
O vinho ressurgue.

O corpo encostado
ao seu: ser

o corpo condicionado
no fruto colhido: verdor
do tempo: o vinagre rega
a folha rasgada.

Amanhecem pensamentos
embalados aos fatos.

Versão
e diversão.

Deitado soluça incertezas
sobre a anterioridade. Só
na complexidade do murmúrio.

Na manhã descobre
a nudez necessária
ao ressurgimento.

A transgressão flutua imobilidades
covardes. Acovardadas
cavidades em escurecimentos:
cerceamento.

Não coloca reticência no final
da frase. Encerra.

Para quem foi gerado no calor da estação
nascer em outubro não o diferencia
dos nascidos em meses desiguais.

A contagem dos dias refaz a multiplicação
das células em objetivos. Nascer conforma
o corpo no esforço de se fazer vivenciado.

Concede esperas na sensibilidade:

reaprende a graça
inalcançável.

A temporada cassa
suas presas: o peso
gravita espaços.

Não ter sido a escolha
desproporciona aos ares
resultados inaudíveis.

Compõe partes: inicialmente
a armação se oferece ao complemento
a mediana atenção
do agente
no término idiossincrásico
do critério: o mal entendido
se coaduna
no comentário.

- Muda o interesse entre
estados. Espiritualiza
o meio. concretiza a mensagem.



4ª. parte - Parcelamentos

A inexistência da materialidade
das provas
comprova a inexistência
da palavra significante:
impossível aguardar a finalidade
sem ter o assentimento
do começo. A obviedade
da função faz a sobrevivência
ser ato descontinuado
na temeridade.

Ter mais do que o necessário
é o início
da indiferença. A forma
e a maneira
de ser ausente.

No espaço esvaziado
por razões deletérias
cabem obras descontinuadas.

O desnecessário sobe paredes
em dependurados
quadros de mais nada.

Vence: ritmo aparente com que a tirania
se sobrepõe ao sentimento. Vontade
não virtuosa. Vontade ausente
em desmotivadas espécies: operação
conflagrada de reencontros díspares.

Reaberta em estradas
a floresta se recusa
ao desalento: conjuga
raros pássaros. Animais
menores se despedem: a cerca
contém o êxodo. Entre frágeis
árvores replantadas ao acaso
repete o vento sua passagem.

A natureza se reveza
no acobertamento: a unidade
recoloca o ciclo em igualdade.

Aprende a refazer
possibilidades. Reage ao incentivo
em cada oportunidade proporcionada.

O riso mofa esgares: ao ouro
repõe o veio.

Intercala necessidades
em doses caseiras de esperas:
ontem era o menino
deixado ao contato

hoje
o homem
se ausenta.

Porque desmerecer a raiva
conduz à incosequência
da inércia. O corpo tocado
retesa músculos
e libera sensualidade.

Em partes igualadas em labores
rejeita a imprevisão da escolha:

razões
inocentam.

Convence os pais.
Convence os irmãos.
Convence os avós.
Convence os tios.
Convence os professores.
Convence os colegas.

Desfeitos os ritos
libera a solicitude:
desaparece.

O gosto adocicado dos adjetivos
lançados em parafernalias
ilude quem contempla
partes reiniciadas
automaticamente.

Ser o derradeiro e a inconsciência
do erro: a parte contém
o todo.



5ª. parte - Isolamento

A emenda significa o erro
do início: a solidão
 inerte
 no disparate
 da multiplicação.

- O aldeão deixa os pertences
sobre a mesa e se refugia
em viagens: o imponderável
acompanha o frio descoberto
na casa fechada.

Acena ao vazio
do desencontro: avança
 em perdões.

A solidão contrai a sensibilidade
embalada no presente.

 Não deve ser assim:
 sem deuses e adeuses.

O cumprimento isolado na solicitude
com que passa ao largo.

Esteve ausente no contentamento
e lembra a menina

- quase moça –
no corredor da escola:

não é o tempo do resgate
e a vida em naturezas
faz seguir o cortejo.

Onde é encontrado
ressoam passos:

alguém passa
em desistência.

Não adianta a impressão
de movimento
no metal
transfigurado
em bailarina:

a pedra conduzida em golpes
sistematizados: sobre o solo
repousa o pó.

Estágio intermediário entre o final
e o recomeço não aproveitado.

Em permanente desacordo a desaprovação
se esvai naturalmente: cotejo.

Lentidão com que a imagem
permanece sob os olhos. Adiante
o significado se transforma
em lembrança: mera esperança
de dias anteriores.

O extrato personifica o abstraído
à contento. A maravilhosa imagem
do possuído corpo. No desperdício
do não imaginado
refluem águas
demarcadas: diluídas
em gotas lágrimas.

Essência sobreposta na descartada
letra amiudada ao texto.

O ultimato retorna
pretextos diversificados: esperas
conduzidas
no anonimato.

A imobilidade se faz estátua.

Do que for retirado cancela
o esboço. Recria o torso
desnudado

na última formatação
do espírito.

Aquele guarda possibilidades:
atravessa o vazio na condução
das estrelas recortadas em papéis
amarfanhados. Substantivados
em espécies decorridas em dias
isola o corpo e oferece o espírito:

impropério ofertado em dádiva.

Não é fácil permanecer alheio
aos acontecimentos. Fazer de conta.

Não faz mal.
A flor despetalada recorre
em renascimento: oferece à terra
seu ressecamento.

Toma ciência do esquecimento
e se mantém coeso em dúvidas.

Vive. Rememora aulas recebidas
em matérias de diversificadas obviedades.

É. Reler textos descobertos
na unanimidade dos tempos ávidos
de retorno e continuidade. Mente
a proximidade:

em cada classe a possibilidade
do avanço. E retorno.

A obviedade assegura a continuidade.
Verbos repetidos e palavras
escassas em significados: a pobreza
vocabular
é esforço
em se fazer
desentendimento. Hoje a solidão
repercute ideias. Hoje a palavra
ressalta empecilhos. O óbvio
sustenta o provável.

O frio enrijece o corpo em desacato
à natureza: o desrespeito enfatiza
regras. Nem mais
nem menos.

Usa o subterfúgio estelar
na insignificância do rito:

sofrimento decorrente
da culpabilidade.

De repente a visão
 embaça o firme propósito no frio
 coerente das entranhas
 quando expostas.

Recria o mito. Mente.
Aumenta a incerteza. Implora.

Congela o verbo
na inverdade e no ínfimo
contato
retrocede: algo reflete
o ar atravessado no ambiente.

O repouso se manifesta
em movimentos que se estranham.

Ao menos gaste a oralidade do texto.
Obrigue os sentidos no reconhecimento.
Esmaeça a necessidade.

Escreva bilhetes ligeiramente
atávicos: sujeito
 e objeto.

Na concretude se materialize
na detenção do esboço.

Pela janela avista o pássaro

livre?

Libertado em ares persegue
a possibilidade na presa
necessária à permanência.

O pássaro não se interessa
por janelas: não percebe
através do vidro a forma
permanente da espera.



6ª. parte - Finalidade

Fosse o ultimato. A decisão em revogados
atos. O inaceitável.

A convivência acentua diferenças.
Ao norte reside a vontade.
Ao sul descobre o estado: conversa
na solidão da vida compassada.

Ultima a cerimônia
em que se encerra.

Em algum lugar distraído
dos aconteceres
vicejam
finalidades. Restaurados
guardas de imagens. A imaginação
perdura cenas irrealizadas.

Lugares se desesperam
em camas e travessuras.

Luzes oferecem referências.
O silêncio circunda a totalidade.

O sinal da resistência compõe
a paisagem. Sabe do irresoluto
descaminho e seu desapego
arrefece a constância
a que se emprega:

a diminuição dos resultados
aprendidos em lições amadurecidas.

A solicitação
nega avistar
do alto o barco
imobilizado em praias
de irredutíveis passos.

Obedece em contemplações:
a noite recolhe o esvaziado.

O cesto descarrega frutas.
O jantar.

No adiantado da hora
se afasta em atrasos:

frutas repostas
aos pés: passos
desfrutam a calma obediente
das ações. O acidente turva
consequências.

A desistência obriga o interlocutor
ao reinício sobre novas fases:

a frase interrompe
o dizer. O consolo
acontecido procura explicações.

Palavras iludem
soluções barateadas:

o costume estremece
relações amorosas.

Avesso: desiste na inconsciência
do aviso recolhido na aprendizagem.

Ganha a oportunidade:

companhia.

No entardecer refaz as contas
do dia ultrapassado: companhia.

Ao receber o troco pelo pão
comprado
tem a certeza
da companhia
como finalidade.

Luz de vidas destinadas.
Senhor da iconoclastia.
Surdez temporária: vê o exterior
do pássaro no rastejar do anfíbio
desproporcionado. O fruto
amadurece ao tempo.

Destrava o cão: acelera.

Vozes na longitude
- medida extrema.

Vozes gritadas em uníssono
- medidas externas.

A extremidade conduz
o meio da passagem: não enfoca
o animal produzido em série.

O olhar reproduz
vozes silenciadas
na medida esperada.

Sabem do nascimento: morte
crisálida. Cristal. Faceta
multiplicada em explicações
biogénéticas.

Atavismo e aculturação
repetidos no nascimento
ressabiado em esplendor:

o sacerdote insiste dogmas
na resolução dos males
desobrigados em terras
reconquistadas: revanche.

(O homem acende luzes
e o ambiente remonta
desconforto: está
em casa).

Sobre a cama esposa
o corpo trabalhado
em tarefas diárias:

novidades alcovitam
desterros no desprezo
por haver se atrasado.

A amplitude irrelevante no frio
deposita sinas em lugares comuns.

Aninha.
Conforta.
Confronta intermediários
do mesmo todo. A sina

simplifica o desejo: repete sons
milimetrados em aceso fogo.

Antes extinto.
Conta horários: saídas abreviadas

na pressa e demoras aguardam
oportunidades. A vida conduzida
na espera da fruição
da fruta arrancada
antecipadamente.

recoloca ponteiros nas horas
acertadas em verdades: sua
mentira o desculpa.

A tradução na língua repatriada.
O regresso das fixações.
O rosto conhecido espalha
tempos: dúvida
e serventia.

A tradição de léguas percorridas.
Ingresso.
O rosto afixado sobre a idade
remete espaços: destemporiza.

A obviedade contraria a incerteza.
Aos dias futuros oferece a terminologia:

razões consentâneas
no tempo da criação.

A obrigatoriedade da nomeação.
A dominação pelo nome.

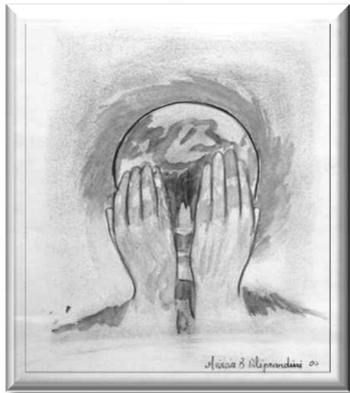
A mulher ressentida aguarda o retorno:

tece desavenças.

Óbvio encanto reconsiderado
na apreciação das provas.

Viaja. Conceitos extrapolam finalidades.
Exemplifica.
O desenho domestica
a impropriedade
do trajeto presente
na repactuação.

Aceita a carona
e se despede.



7ª. parte - Sinceridade

Sinceridade inicial perdida
no aprofundar o gosto: a recompensa
pelo caminho – transcorre – exigido
ao passageiro: em pontos de chegadas
perguntam sobre o todo e você diz
quase nada. O travo
arrependido
cede.

A água escapa ao copo
e se espalha: inodora.

A ilusão perdura na lembrança
e estranheza no futuro. Esqueça
o dia ensolarado
e o entre nuvens. A duração
do espanto é tédio
nas tardes de domingo.

A avidez substituída
na visão através do vidro.

O animal defende seu espaço
na criação da intensidade fronteira:

a atenção continuada
lambe a fera.

A porta fechada aos vizinhos
acompanha o noticiário
em manchetes
de repetidos dias: noite

propiciam ao animal a pausa:
dispensa a espera
e o sonho.

Diz do despropósito
incidental: amargor espalhado
pelo corpo. Olhos entreabertos
no desentendimento. Tragédia
na condição olímpica
da travessia. A maratona desdiz
o credo e dogma: ouvidos negam
som ao convencimento.

Seresta: tempos interiorizados
permitem a permanência. Passos
cadenciam regressos. O silêncio
recorta figuras na parede.

A voz desacompanhada
em acordes: letra
sobre destinadas horas
de embates. Assoma
a dúvida na aceitação
do fato. A voz treme
o acobertamento desfeito
em versos: regressa.

Admitir a derrota
generaliza o conflito: entrega
pontos recitados
de qualquer maneira.

Oferece à cidade o possível
retorno: recato
de bom moço.

A derrota pressupõe a finalidade
inexistente em guerras
de confluências.

A cidade recolhe incertas
esquinas atravessadas
em conversas tantas.

Instruído em rotinas minimiza
trabalhos na fatuidade das escolhas.

Familiarizado em documentos
sorri a oficialidade
da data: pregressa ausência
despossuída em sedimentos.

Ostenta a complementação
do descanso nos pés colocados
sobre a mesa.

Faz a paisagem em contornos
e deposita o que conhece.

Pouco.

Eleva montes e os esfria
em brisas desprovidas de aves
avessas na altitude.

No desdobraimento terras
geram fronteiras na diferença
cristalizada em medos.

No profundo azul das águas
deitam lendas. Tecem
desigualdades: mundo
(ainda) desconhecido da verdade.

A irmã cuida da casa.
A mãe trabalha fora.
O pai vai embora cedo.

O irmão chora berços
de isolamento: amanhã

o dia se fará belo e das cinzas
renascerão possíveis amizades.

A filha mais velha
foge de casa. A mãe
continua empregada.

O irmão se faz calado.

Amiúde tem notícias da cidade
engrandecida em avenidas: atravessar
o sinal fechado. Escolher
o lado da calçada. Descalçar o vício
em ruas escuras. Ao anoitecer
o espaço dilui
cansaços na possibilidade
de o milagre ser encontro.

A cidade reside na proximidade
da distância em sonho e vontade.

Se não repetir o cisma esquece
a vontade. Se calar perde
a fala. Se olhar ao lado
termina a cena. O gosto permanece
na intenção do voto: respirar apenas
aumenta o cansaço.

A imagem remanesce
espaços. Percorre
o inigualável
ao reencontro do amigo.

Refaz o cumprimento.
Abraça.
Troca palavras passadas
a limpo: percorre a imagem.

Trocadilho infantil: o gosto
na sensação
da esperteza. Suficiente
para se fazer forte.

Oposição ao destino
tramado: o esforço
condensa a necessidade
de ir em frente.

Recorda o dia movimentado
em vagas promessas de ensinamentos.

Silêncio alquebrado
em pessoas não avistadas.
História recontada
com ares de novidade:

perfume naturalmente
aposto ao corpo: sorriso
e palavra. Corpo confortável.

A reconciliação na hora necessária
de acontecer a terminação.

Na época em que lhe chamavam
jovem

tinha a onipotência do espaço
transcorrido em buscas.

O encontro envelhece
na lentidão espacial
dispersiva em descobrimentos.

Terra percorrida em sonhos
fotográficos e filmes divididos
em plateias: viaja ao horizonte
e não avista o dia remanescente:

reaprende o movimento
com que a estátua
se deixa imóvel. A chuva
arruína traços no enigma: terra
recolhida na despedida.

Quando avisada
a morte se apresenta
em alegorias. Vêu sobre o rosto.
A chama ilumina
a travessia e traz o aroma
da idade inacabada.

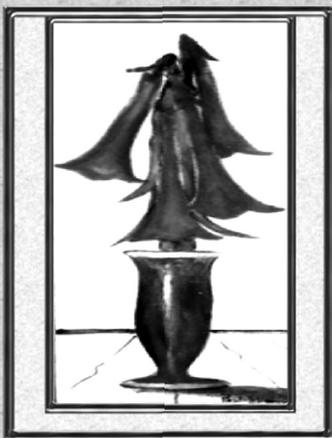
A memória desdiz ritos
na passagem transitória
embalada em madeira.

Ao acordar no dia enevoado
sabe substantiva
a dor na saudade.

A vantagem em fazer
de conta e ficar
com o troco: retoca a tela
em sobrepostas tintas. Esvazia o cálice
na pia. Junta braços em despedida
ao se fazer presença pelos dias.



outros poemas



(Paulo Siqueira/ Lírios/ 2009/ Projeto Passo Fundo)

COBIÇA

Ao lado a terra nua preparada para o plantio
terra boa para plantar colher criar gado e água
farta bem distribuída fácil de ser conduzida
aos lados mais altos em que continua sendo boa
para morada e repouso máquinas trabalham
de manhã à noite sem parar na geração de riquezas
ostentada riqueza da casa sede da fazenda galpões
com defensivos e adubos silos poteiros água
transparente na piscina natural onde o banho
convida ao descanso e ao exercício do corpo
ávido pelo contato a mulher na água é linda
convidativos olhos sobre os meus fecham o dia
em bebidas baratas comidas caras apago a luz
deito e penso como aquela terra poderia ser minha
incorporada às minhas terras que a cercam prendem
a passagem onde cumprimento o vizinho nos dias
em que passa e passa sempre indo voltando sorrindo
sempre que a vida lhe é mansa e boa como a terra
possuída sua mulher é quem tem o corpo lindo
sedoso lustroso esguio em cabelos curtos revoltos
revoltado fico no escuro onde penso que tudo seria
meu basta o gesto o lance o alcance da vontade

na ânsia levanto procuro a janela de onde vejo
as luzes da sua casa menor que a minha de menos
dinheiro e poder eu não tenho o corpo da mulher
que com ele dorme agora embalado no frescor do banho
nos sonhos que causa a proximidade a água
reflete a vontade e a cobiça toma conta faço cálculos

terei remorsos serei feliz com o ato esconderei retratos
meus serão as terras o gado e o corpo da mulher viúva
desamparada no destrato com que não aprendeu a tratar
a terra o gado e a fortuna irá embora nos negócios mal
feitos feito eu que estarei perto esperando despertando
nela o conceito da humildade e da fragrância com que
meu corpo se aproxima e o copo entornado esvazia

tenho seu corpo sua terra seu gado derrubo cercas abarco
a imensidão do espaço que me pertence e estou junto
à janela noite em que lembro o primeiro combate
a luta a morte a vitória e o corpo sobre a cama dorme
então penso na terra ao lado ela tem dono e a terra é boa.

RETRATOS

Sólido corpo envolto em leves roupas este verão
Estéril se anuncia úmido e humilde o corpo
Pede perdão pelo que apresenta de volta
E curvas onde esconde suas paixões e vidas
A solidez do concreto aparente em nossas vistas
São novos prédios onde guardaremos as mortes
Exploradas e explodidas em tiras e tiros acertados
Entre os olhos no peito ou apenas o abraço
Com que nos despedimos em cada hora
De ir embora entre as árvores concretadas
De canteiros poucos entre os carros

Atirado o corpo se desintegra e some a forma
Na fome da paixão atazana o cérebro
Porque o coração nada sabe do sangue
Que faz circular como função deletéria
Do que foi acertado aos poucos e o nada
Da vida toma as medidas alcançadas
Para que o sangue seja assim e fosse
O passado retornado em frágil projeto
Internalizado como verdades fátuas
Fáceis de serem ouvidas e esquecidas

Adeuses com que nos encontramos na pressa
De atravessar ruas e do outro lado voltarmos em pensar
Que poderíamos ter ficado e a casa não mais existe
Em escombros sobrepostos ao novo prédio alto
Tantos corredores secos de saudades e amores
Envelhecidos no que esmaecem as paisagens
Nas fotografias

Por isso o retrato é o contato verdadeiro entre o real
E o sonho ficam espaços delimitados na pose
Apresentada e negada evidência de crimes maiores
Na solidão instalada no que porta ou guarda na carteira
No cheiro do dinheiro que porventura carregue
Como talismã e o valor depreciado em mãos
Alheias porque as formas se apresentam
E fazem esquecer do começo o corpo saltitante
Em alegrias maiores sobre os trapézios
Onde vendemos as ilusões e os sonhos esperam
Outras horas de tantos gritos de socorro.

HORA

A hora da batalha no sorriso nervoso
com que olha entre lágrimas a certeza
de que a morte espreita nas balas
perdidas dos inimigos

faz da conquista profissão e a fé esmaece
no que precisa de força e físico e saber
das razões do início ou apenas do dinheiro
que lhe será pago pelo trabalho

posições definidas antes do começo
em que os amigos estão ao lado
e na outra face sente a angústia
que as esperas encerram no antegozo
do momento de sucesso

a perda perpassa a mente por instantes
seus olhos turvam e as mãos tremem
sua morte ou captura em duras realidades
famintas e sedentas como políticas
externadas em discursos foscos
nas paredes onde tiros entranham
a carne que não é mais a sua

do meio para o extremo gesto
de empunhar a arma e disparar o tiro
à frente onde está o inimigo
que também dispara seu tiro
contra você que está atento
ao sibilar da bala
que lhe atravessa o uniforme
explodindo o corpo
em ossos e vísceras

você o soldado errado na guerra estúpida
em que sentidos se perdem antes dos tiros
e cabeças feridas de morte não entendem
violam leis e guardam os instantes finais
em que se perdem vidas por nada.

PAIXÃO

Ah a paixão devora olhos e corações
de outras épocas e sentidos com que
passamos as horas e os dias frios
para chegarmos a este tempo
e encontrarmos o vazio
de não havermos encontrado
a pronúncia exata das palavras
a maneira certa de dizer
estamos aqui e a paixão
permanece em nossos olhos
embaçados em lágrimas
de reconhecimento
como eram naqueles tempos
e como serão em futuros
tempos de mãos entrelaçadas

chegamos sem esquecer só sobrecarregamos
a memória e as lembranças com as imagens
as músicas em altos sons
e perguntas presas
em gargantas curtas
de desejos e segura

a nossa história recortada em quadros
passados lentamente entre as lentes
dos óculos que usamos e nos servimos
para enxergamos o que não vimos cedo
estávamos cegos em blindagens jovens
e tínhamos a certeza de as incertezas
serem caminhos trilhas e armadilhas
que não nos pegariam na passagem

ah esta paixão extravasa a hora
fôssemos outras pessoas espiando
o lado de fora de cada um
meros espantalhos em hastes
de empregos e desesperanças
de que tudo termine após
o instante em que os corpos
se desencontram

somos mais que paixões ardentes
dentes cravados como serpentes
ávidos pelo fim da história.

TODAS AS VEZES

Primeira vez: o banco no lado de fora
da casa para ver os passantes e trocar acenos
de cabeças e braços todos são conhecidos
de larga data perdida no tempo das lembranças
e na ansiedade com que as crianças brincam
antes de serem chamadas para entrar e dormir

há o boa noite educado em todas as bocas
o sorriso apresenta entre todos é fácil
ser feliz quando pelas calçadas movimentadas,
vê-se o passar das horas em conversas
amenas e frágeis em redundâncias

houve a segunda vez: o temporal chegando rápido
cadeiras recolhidas na pressa e o banco esquecido
em simples madeira entalhada e trabalhada
para o sustento do corpo: o corpo recolhido
não chegou a molhar a roupa

temporais assustavam os corações e apagavam
as luzes fracas em brilhos fortes em sombras
de lembranças: naquele tempo havia o passado
e muitos rememoravam em conversas alguém

que havia ido embora e deixado saudades
que o mundo é cruel com os que ficam
houve a terceira vez: foi no final da tarde calorenta
o verão presente em intensidade os pés
cansados buscando o descanso no solo
sombreado pelo anoitecer, o corpo aceitando a água
oferecida em copos de vidro; sabendo da preguiça fútil
e da inutilidade de saciar a sede, o mistério presente
nos olhares silenciosos; os pés não tiveram descanso

as noites vagarosas nos verões da infância
horas perdidas em céus coloridos em dias
de calores passados até o momento
evidenciadas na transposição sem que nada
permanecesse ou sumisse no recolhimento
dos pássaros e nos passos rápidos dos atrasados

houve a última vez: vizinhos sentados um levanta
a voz e afirma sobre a necessidade de voltarem para
suas casas: o verão terminou no retorno
e na consciência de que fazia mal ficar exposto
aos raios que se despediam: a despedida se fez fria
e aquelas pessoas não mais se encontraram em suas
simples vidas passadas agora entre paredes.

PALAVRAS

Outras as palavras correlatas
ao texto distinto do começo

a palavra divinizada na história
repassada em lenta agonia
e antigas glórias

na repetição o tema
aflora novas interpretações
adiantando ideias não transformadas
em alegorias e sistemas

o palavreado fácil com que o camponês
descreve sua faina e diz da família
dos animais e das plantas

a dificuldade resumida em teses
de compreensões advindas
dos tempos despendidos
em pesquisas e escolhas

palavras e palavras
irresponsavelmente postas
nas leituras obrigatórias
dos colégios

como letras trocadas
sobre túmulos de pessoas
desconhecidas enquanto vivas
o alcançar do sentido
no revolver espaços em busca
de desatino e cansaço

as palavras em sinais de encontros
onde possam realizar o sonho
de não estarem sozinhas

esgotadas palavras em discursos
de não aproveitamentos
no texto enxuto e áspero
onde inverdades vicejam
como pragas.

TEMPOS

Outras razões senões maneiras de ver
como as coisas são entre o entrechoque
e o para-choque do caminhão em movimento
o tormento começa quando o aço encosta
suas garras e a perna treme freme
dobra sobre o eixo a terra ao encontro
em poeiras o ranger dos freios o feio desencontro

o despropósito enche o espaço o acaso
de estar naquele ponto o poente e o ocaso
no início da noite os corpos correm
ao encontro de suas moradas exceto um
estático sobre a calçada sóbrio sólido
não transportado suporta seu peso
preso e sabe não haver destino objeto
indireto do desejo o frio da noite o encobre

seus olhos fitam o nada com descaso
fosse do primeiro tempo o intervalo
é jogo terminado sem resultado aparente,
o apagar das luzes os lugares vazios o frio
com que derrotas são percebidas ventos
de outono apetrechos em lãs e cardos:

a lua dos seus passos ilumina o pouco que reflete

pela janela o vulto espreita a rua vê os passos
e cala sua vontade cerra as cortinas apaga
as luzes de dentro de casa está salvo hoje

passado em frente ao nunca mais
não levava desejos de outras épocas

vultos despercebidos das vidas fechadas
em oportunidades de dentro e de fora
foram feras não são mais sombras esguias
ou pesadas sob passos sob olhos
onde o átimo reflete o passado e luzes
acendem memórias não lembradas

na beira do fundo o aceso mistério transparece
onde se afogam mágoas de onde surgem
lendas para onde se dirigem os vultos
derrotados em histórias a moral contada
em voz baixa após o desmoronar
do corpo sobre a cama seriam crianças
não fosse o despertar da idade
maldade em que se encerram.

ENTRETANTO

Não retiro ao espaço
A similitude Do ócio
Sobre letras Maiúsculas:

Tenho a visão da face
No corpo encoberto
Em disfarce.

Ouçõ a voz dizer do vento
E da espera: tantos espaços transito em razões
Opostas ao esquecimento.

Que os barcos possuem condições
Maiores de arrependimentos: ondas vagas.
Outras vagarezas permitem ao pássaro
O acompanhamento.

O tardio se confunde no afogamento.
Antes havia esperança e desconfiança:
o corpo esbelto modela a roupa.

Ouço a singeleza da irreabilidade
E a quero verdadeira e simples.
Quem vem de longe ao desencontro merece
O acompanhamento do corpo: o mistério
Traduzido em você é a permanência
Do que houver: antes que anoiteça
Explico o amor vivenciado
Inexistência. Ventos ressopram
dissidências. Mares sucumbem ondas.
Meu barco vaga sua distância.

Escuto o choro transformado em pranto
E a música acondicionada em sons
Dispersos: vento recolhimentos.

A dimensão inexata da frequência
Com que sonho suas dimensões: imensidão
Consumida na impossibilidade: navego na precisa
For da intolerância. Poucos minutos separam meu corpo
Da sua fantasia.

O término da música prenuncia a necessidade
em repetido langor. Repito
O som à exaustão.

USOS E COSTUMES

Dias desnecessários
de acordar
e me colocar
em pé

dentes limpos
olhos lavados
cabelos

café de manhã
e pão dormido
margarina
leite e sacarina

antes anoiteçam
trabalhos digo
verdades
descartadas

almoço
e exercícios
em ligeiras formas
de esforço

dentes limpos
caninos
e molares

em pé no ônibus
e trens centralizados
ante esquinas
diversificadas

antes me esqueça
sou família

roupas satisfeitas
em trajes menores
sapateados
e guarda-chuva
após e antes
o raio que me parta

dentes limpos
hálito puro
o gargarejo no café
enquanto converso
cigarros acesos

trajetos e trajetórias
no desdizer fronteiras
em igualitárias estradas
e mesmos escritórios

a banca atravança passagens
e passageiros discutem deixar
de lado o universo trazido
desde quando não se lembram

esperto e desperto
no menor dos erros
contemplados da janela
e portas entreabertas
que não espelham
distâncias transatlânticas

dentes limpos
rumorejam palitos
em cantos
e becos

altissonante veia poética
dispensada em estudos
caseiros de cadernos
quadriculados

e pautas: musico lendas
e oferendas aos deuses
desaparecidos na última enchente

objeto cortante
sob a camisa dispensa
apresentações
e discursos

amigo e representante
ilegal do compromisso
avisado no alvoroço
com que espias
e espinhos
se confundem
na safadeza

dentes limpos
mãos lavadas
do pecado

noites descoloridas em quartos
desabafados em lágrimas
de crocodilo.

PARTÍCULAS

a pessoa confia em si mesma para sair à rua
e evocar solitudes antes de atravessar a pista de
rolamentos
ao voltar para casa escuta o sinal iluminar a
possibilidade
de o entorno se confundir com os automóveis
e sua vontade
permanecer
diante
do
copo
de bebida
entornada
na contrariedade
de sua prisão incolor
em singela música ancorada
ao desconforto do cais emparedado
no desfrute de sua vida acomodada em travesseiros
de penas envolvidas em simulacros de aves habituadas
ao voo alçado na necessidade de ir ao instinto abismo
da igualdade: a pessoa alcança a si mesmo no dia
da anterioridade e se refugia em malas e cadernos
reescritos em inverdades de fugas e atropelos

consoante trâmites ilegais e ilegítimos e iletrados
até serem consumidos e constituídos em átimos
de releituras bastantes no desconfiar da ave
sobre a inexistência da árvore: uma pessoa
se evade do corpo amado antes do tempo
decorrido entre a vontade e o esboço
do filho anteposto no segredo
vagamente familiar:

a pessoa esboça atos
de bondade
ao se ver
idosa
e agastada
na pedra áspera
da crônica dita
em voz elevada
no despropósito
de sua singularidade: a
pessoa descobre a permanência
e destoa na antevéspera da partida
de tantas outras que perdem seus corpos
em discursos deixados em desalento

SOBRE LINHAS DE FRONTEIRAS

Fronteiras
se destacam
em desigualdades: ambos os lados
se ofendem em salvaguardas

a diferenciação dos corpos
em mentes distantes
uma cerca
um rio
uma ponte
um sorriso
e uma morte

a ilusão de que a diferença
sobreposta ao gesto
gosta do que vê

escutar hinos:
considerar verbos
e saber que a distância
se estende em capitais

além da compreensão
de leis
e ordens

desordenadamente
repetidas na singularidade
das roupas sóbrias
na sobriedade do acaso
no ocaso das dificuldades

a quantificação entre possibilidades
permite acompanhar olhos dispostos
na linha de defesa: o ataque solidário
dos animais indistintos em sotaques

afrontar a terra ao lado
ladear a conquista do território
tornar a terra inconquistada

quando olhar desprezar
a cerca
acercar-se
do que pode ser a igualdade

talvez os deuses sejam os mesmos:
a contrição igual
o pecado original
a culpa accidental

não se remoer pelo outro
nem reacender a chama
nem rescender o perfume
da fruta aqui
e ali
perpetradas
em árvores
singulares
fronteiriça: a linha imaginária
se realiza na alça de mira

olhares alcançam horizontes
humanamente desprovidos
da largura
da profundidade
do aprofundamento
naturalmente
colocados
pela ação
da terra

ante
o tempo
considerado
seus olhos repousam sobre os meus olhos
seu corpo disposto em alinhamento
seu sexo ocultado em uniformes

a uniformidade conduz o desgosto
no sofrimento pela (não) passagem

conserva a esperança de ser irmão
e irmã: sem servidão destacada
na aridez do solo
na serventia do caminho
na solidão

frente a frente: em frente ao consolo
repousam mãos elevadas em entrega

consumir o espaço: cada dia entender
(ou sonhar) o despropósito: descoser
a linha: esgarçar a distância
em romperes de auroras

acordar ao lado e saber-se
estrangeiro.

DA INJUSTIÇA

Amaldiçoado em lágrimas
rasgo os olhos ao horizonte
poente
inutilizo a noite
na chegada
em refúgio

(cães ladram)

rememoro a hora
da notícia transmitida
palavra por palavra

revejo minha imagem
no congelamento
da lágrima depositada

(cães farejam)

as dores se afastam
no distanciamento

necessário ao medo
o corpo estremece
pertencido em dores

no horizonte hostil
pela janela aberta
o futuro se depara
com a impertinência
do presente

(cães comem)

afasto suas mãos:
o contato é lucidez
inoportuna na desesperança

a oração despercebida
rompe o silêncio
e se perpetua

afago o deslizar do tempo
em horas subsequentes

(cães se defendem)

murmuro o acontecido
e desacordo em sonhos

:retornar é conviver
com o fato desproporcionado
reviver é outono em folhas
pelo chão

recupero a sanidade
e me faço cristal
de rocha esfacelado

(cães se diferenciam)

sofro o instante
e gesto o silêncio

o emudecer transmite
a incerteza da pergunta
e a vastidão ampliada
da insensibilidade

(cães desfazem)

posso perguntar
o que bem entendo:
mas não entendo

posso exprimir
a minha raiva:
mas não compreendo

posso aproximar
os olhos à fotografia:
mas não enxergo

(cães confundem)

calendários anotam que os anos passam

o exercício diuturno de recuperar
o inconsciente no aguardar
refulgente: recomposto ao todo
o exército lancinante dos ataques
distribuí os ossos que estalam

(cães apavoram)

um dia destaco na pedra
o sinal: acordo
e na pedra
destaco o sinal

o sinal na pedra
é destaque quando acordo

(cães se acovardam)

olho e enxergo
ouço e escuto
pego e sinto
levo à boca
e o sal amarga
o recesso de onde fui retirado

avaros dias de permanências
permanentes signos
aparentes esboços

o processo desarruma o fato
em procedimentos

(cães arfam)

ouvidas a testemunhas
peritos dizem
de suas especialidades

nada

nada

a improvável condenação
confundida em versos
na reversão da realidade

(cães obedecem)

choro o atravessar do espaço
desconsolado em fatuidades

remoço a fotografia
e me instalo na orfandade

perder é significar os atos
ao despropósito
de continuar vivo

(cães silenciam).

MÚSICA

Música ao lado.
Sentimento de que a vida
pode ser apenas a música
ao lado.

Observo o tom.
O som.
Nenhuma letra se sobrepõe
ao instante em que a música
toca.

Quando antigamente as mulas
eram levadas acima
e abaixo. Quando mãos
calejadas distribuía chicotadas
na quantidade da necessidade.

Aonde fomos quando jovens
e não entendíamos o retorno
na imensidão da conquista.

Replico perguntas. Rejeito
respostas e dispenso
maiúsculas letras
no início.

A exatidão perdura
a sensação de cansaço.

A exatidão pendura
minhas orações.

Como da fruta a carne
oferecida em combate
e tenho na música
espaços vagos.

RAZÕES

Razão obscura onde repousam sonhos
desprovidos de razões
repisa o sono
escondido em razões obscuras
de onde surgem avanços
desprezados em razões obscuras
para as direções avançadas
em razões obscuras
de chuvas ácidas
em razões nem tão obscuras
afora as extensões maiores
referidas em razões amanhecidas
de sinos badalados em horas
aferidas em razões amanhecidas
no levantar e ir embora
em razões amanhecidas
de pães sobre a mesa
destituídos de razões amanhecidas
em estratificados signos
de amostragens em razões quase amanhecidas
nas ilusões simplórias dos enganos
atravessando naves de razões midiáticas

desaforando o verbo em contusões feéricas
controlando ódios em razões midiáticas
fossem assaltantes pulando o muro
circulando os olhos com razões ultrapassadas
levando o ouro descoberto ao acaso
na sorte desprovida de razões tardias
onde sentimentos afloram
folhagens com razões tardias
após reparos serem efetuados
nas mãos calejadas das razões tardias
com que encerramos o tédio
em porões de razões noturnas
afigurados aos santos embarrados
no toque sutil das razões noturnas
efêmera maneira de formarmos deuses
acabados em razões noturnas.

TÂNIA

A beleza agressiva
com que capta olhares
e despedidas além dos passos
descritos em versos
ritmados e inconscientes
dos que passam
sem conseguir sua graça
na eloquência dos mudos discursos
atravessados em palavras
de arrependimento e louvor

em você o beneplácito da dúvida
incrustada no horror ao vício
desenvolvido em antigas
quimeras desencontradas
na passagem e permanência

perto do ocaso
ao acenar as mãos
recebe o troco em talentos
deslocados aos animais
famintos dos circos indevidos
das juventudes alheias

dos que se perdem
em honras e glórias
desentendidas
sua beleza suave
antevista na espera
melancólica das incertezas
duradouras dos fogos
de artifício e na artificialidade
dos dizeres apócrifos
antepostos aos gestos
humildes dos poetas

acompanha a trajetória
e deduz na queda
o instante
e o local distante
onde se perdem
as auroras
estelares
e as caudas
dos cometas
arremessam
poeira cósmica
aos desfiladeiros
maiores: entre astros
consegue da ambição
o mínimo de contemplação

ao corpo estabelecido
em mínimas porções

- sortes lançadas
aos mares em escaleres
minúsculos
onde remos
permitem a navegação
homérica dos profetas -

na passagem
recebe o cumprimento
adivinhado em cartas
embaralhadas em mesas
retidas nos anoiteceres

acontece alinhar
a tela e recolher o bordado
ao aspirar o perfume
e se fazer o lume
do caminhar
em passos miúdos
de responsabilidade

faz do esboço o finalizar
da obra e esquece o esquema
entre a carteira e o emblema

dos sonhos acobertados
em sonos profundos

da superficialidade
desdobra o pano e o lança
ao vento imemorial
das ultrapassagens
atrapalhando o voo
dos deuses rentes
de oportunidades

estar com você
e me saber contente
em sua privacidade
e retirar o estorvo
da solidão ilusória
apresentada em sedas
espelhos e reais
aparelhos de ceias
e inventários

decorar o verso e o declamar
em lágrimas ante a janela
entreaberta dos amanheceres
úmidos de prazeres

o último arranjo floral
desfeito em pétalas
sustenta seu olhar e se declara
ânimo apurado das faces
ocultas das imagens
desfeitas em amores
de você sei o átomo
apurado em provas
anímicas da existência
e no barroco reparado
em santos de barro
e madeira santificada
das velhas igrejas

acontece em degredo
e se faz desterrada
ao aviso prévio
das lamúrias encantadas
de venturosas parceiras
em outras luas

convence o escuro
a se faz perpétua
no alinhamento
do corpo sobre
a cama imaculada

em você a ternura
emoldurada no sorriso
avesso à maldade
e na generosidade
do corpo destaca
o ponto inicial aportado

descreve em sentidos
a animação encontrada
sobre o telhado próximo
ao porto de encontro
e das águas refletidas
encarece o pouco
permitido à partida

encontros se fazem
órfãos de saciedade
em cada gesto
impuro de obviedade

termina a passagem
: eu em abandono
desconsidero a flor
o verde e a árvore
deixada como esteio
e estio de sua ausência.

QUESTÕES RECORRENTES

não sou a distância
da contrariedade

cordato
receio o imprevisto
e em defesa
visto
emoções

choro entre um ciclo
e outra chance
de me saber
imberbe
ao tempo

(desprovido da excelência
construo habitações desenhadas
em folhas)

não sou anômala criatura
desprezada em desesperos

apenas

ouvido desatento ao som
vindo da era posterior da idade:

quem me fará verdade?

o abuso se consome em entretenimentos

o andar carrega o peso da permanência
a leveza do pássaro desabrigado
e a crueza da raiz

quem me faz verdade?

não sou coerência e dissabor: o remanescente
desamparo a evidência
preclara a noite
assumida em cores
de entretelas.

HABITAR

Não há jardim
nem horta

não há casa
nem portão.

há o apartamento pequeno
de fim do corredor
com muitas portas
e o cheiro forte
da comida
retirada ao lixo

a iluminação deficiente
a escada insuficiente
o elevador estragado

nenhuma flor plantada
nenhum deslize cometido

a pobreza dividida no espaço
desproporcionado

não há luz na calçada
não há calçada
não há rua traçada
em paralelepípedos

a escuridão sobreposta
em roupas descoloridas

a saída na madrugada
a chegada na alta noite

o silêncio dos passos
evitam despertar
atenções e gestos

barulhos entre espaços
em locais de escape

o grito
o choro
a risada
a luz sombreada
da tela

o esforço na compreensão
do texto descosturado
em histórias

na folga do corpo sobre o sofá
dependurado em prestações
não quitadas

o cansaço derruba os olhos
sobre números e letras

a mão insinuada sob a roupa
do corpo possuído
em necessidades

não há tentações e credos
não há objeções reviradas
em estimas

um cão late no andar de baixo
um gato mia no andar de cima

nos andares
a cobertura insuficiente
deixa passar a água
da chuva: escorre
em panelas
vasilhas
latas
canecas

o piso em falso leva
a água ao andar de baixo

debaixo de tudo
repousa o cheiro
do que foi deixado

sob as cobertas ressoam
sonos desmedidos: sonhos
oferecidos em pagamento

não há vidros nas janelas
não há a porta da frente
não há fundos

ir embora
deixar a mulher
os filhos
os netos
os enteados

ficar no prédio
com a mulher
os filhos
os netos
os enteados

não há pessoas entediadas
nem pessoas sonham
nem pessoas dormem no ponto
nem pessoas passam pessoas
para trás

a luz desligada
a geladeira desligada
a máquina de passar café
desligada em águas passadas

a televisão desinforma a conquista:
na monstruosidade das cores
na infinidade de canais
na intermitência do noticiário
na possibilidade de dividir a imagem
em mágicas palavras

não há a possibilidade de retorno
e a polícia divide o entorno
com os bandidos: luzes
apagam vidas
capuzes igualam
vozes em retrocesso

não há consequência pelos atos
nem a intransigência do concreto

a fluidez relaciona escombros
entre a saciedade e a fome
apresentada em programas
em nome de todos

nenhuma cama refeita
nenhuma mesa repostada
nenhuma costura esgarçada
em abraços e salvaguardas

não há consciência na resposta
e repostada em águas
a chama se faz tênue
sombra ante o solo
desfeito em paredes.

CORAÇÕES E LIMITES

pergunto ao destino futuros
acontecimentos descobrimentos
de horas ociosas e a plateia
atenta ao discurso

releio textos combinados
de palavras aleatórias

no final do espetáculo
dispenso o instrumento
e me delicio com o cigarro
de apagado passado

o passadiço no barco recebe
trêmulos passos desesperados
pela morte futura da pergunta

não há resposta possível
ao desdobramento da insensatez
(antes da noite atualmente acesa
em estrelas de luzes desconexas
fui encontrado na estrada de pedras
como recordações da lava: levado

ao lar em janelas espaciais
me fiz animal domesticado)
trouxe o tédio das horas acompanhadas
e o desdouro do emblema empapado:
dança e música em homenagem
ao desdobrar dos passos. A corredeira
leva a água em velocidade absurda

ao futuro dedico a presente ânsia
de me ver terminado na finitude
do horizonte. Não me afasto
ao casco e deixo as ondas
alternarem meus medos

ponto a insignificância do avião
em nuvens de insuficiências

(a sirene desesperadora do acaso
colhe corpos no final do dia
de pensamento estático)

comunico aos pares a imponência
da estátua dedicada aos deuses. Ávido
de paixão me deixo levar pela pedra
a burilar espaços despercebidos

ontem o passado me parecia vazio
de significados hoje o presente
esvaziado de sentidos

óbices obstáculos e artimanhas
ariranhas ferem corpos caricatos

na caricatura da espera represento
barba e bigode: elenco a vastidão
do cabelo sobre a testa

protesto orgulho e mergulho verbos
em molhos condimentados. O vazio
da excelência permite a reentrada

pergunto ao silêncio do futuro aproximado
e o som do motor resfolega verdades

(estive no meio da plateia e aplaudi
o canto – na certeza de sempre
chorar – afastado em coro e pífaros)

ostento a vergonha da incerteza.

A praga consome o jardim
em flores despetaladas
árvores desfolhadas
folhas isentas
de nervuras

futuro destino
afeito ao conceito
barato da incontinência
rasgo o verbo em profecias
e afasto a certeza. Alguma
vez
talvez
tanto faz
tanto fez
o sonho se perpetuou
no homem desacordado

nós – você eu tu ele –
ficamos no aguardo
do canto do pássaro

ouvimos o latido do cão
e a palavra de glória

aos céus. Dos céus
despencam pássaros
em rasantes terrores
o elemento vago da sentença
na condenação antecipada
da aliança: anéis e dedos
em bases condicionadas
aos acidentes e acintes

pergunto sobre as partes
decompostas ao átomo

na oração aprisionada:
a concordância se altera
em letras acrescentadas

o destino evita a mordança
entediante dos programas.
Oculta a ameaça em sistema
de contrários e afastamento
temporário dos sentidos

faço de conta acertar o ponto
convergente: reduzido ao início
aumento o seguimento.

Pergunto ao futuro destinos
desassombrados e retenho
as mãos no cumprimento.
Abraços e beijos deslocam
amizades e amores

motores roncam passagens
imaginárias: monstros se escondem
sob pedras fragmentadas

deslizo as mãos entre as pernas
da mulher
que permanece
parada em pensamentos

sintoma: o som entrecortado
do prazer mistura pernas
e mãos entre pernas

perturbo o barulho provido de eras
posteriores com soldados em alas

dignifico a honra perdida
em batalhas através
do vale
do pó
das águas

- faço de conta ser o amor
o impedimento legal
da face na dor
de me saber abandonado –

a pequena diferença entre ser
e estar presente ao fato

testemunho na ordem discreta
das distâncias e mantenho
o dito
o dito na fluidez da raiz

pergunto ao destino desatinos
futuros e o contrato autografado
me é apresentado em cobrança

(seus olhos dignificam o diário
esbugalhar das surpresas)

anoto as medidas e meço
a confluência das partes

vaidoso: giro o corpo
na interpretação da figura
disposta ao ato.

A realidade na função abandonada
ao colapso da estrutura: o extrato
da planta odorífica e o inóspito
da terra acidificada em tremores

- perguntar não ofende a sensação
melancólica da tristeza enganada
em tormentas inexistentes –

vago mundos em busca do número
originário. O núcleo destroçado
permite a resistência ao lugar
desocupado. Estive e não estou.
Obtive e não retenho.

Meu amor permite a aproximação
da sensação e se deixa dominar:
o coração conhece os limites.

VINGANÇA

A mulher carrega o pecado
desnudado ante
a promessa
de ser queimada
viva

no aplauso
emudecido
pelo medo
ao estrado construído
para a finalidade

deuses desnorteados
vicejam terras áridas
em progressos

o suor
no estrito cumprimento
do dever
a mulher carrega a culpa
na estrada

aberta ao entardecer
da hora na demora
do reconhecimento

choram mulheres avessas
á repetição do que será contado
aos pósteros

riem homens desiludidos
em pensamentos
obscenos.

Ao amanhecer recolhem o corpo
pendido em cordas. Ao amanhecer
mães assustam as filhas.

Ao amanhecer pais de família
rezam permissões negadas

concedem aos meninos a ingenuidade
das respostas e apostam
em próximas vítimas

(não nascem para derrubar
o construído como verdade: elementos
anonimamente colocados nas soleiras
das portas entreabertas)

arrematar a honra e no engodo sufocar
o desejo: liberdade na imensidão
do que for mentido

arremessar o corpo ao desconhecido
e colher o fruto: o gosto
o gozo
o guizo
em aviso e recado

no átrio do mercado condenado
ao odor das frutas ensandecidas
em apodrecimentos o carrasco
contempla a vítima e a desfaz
em recortes de revistas

o aviso em cada porta
condena o inquilino à prestação
de contas: presença requerida
como prova do acontecimento.

A nova mulher se faz envelhecida
na desgraça de ser reconhecida
elemento desagregadora
da moralidade obstruída
em razões menores

(regras de sobrevivência
no estame da flor arrancada
pela subserviência
do espírito ao corpo)

ameaçam se jogar pela janela
e vidros são fechados
recomeça o grito e a voz
calada em recriminações
e sarcasmo se afoga
na convulsão da entrega

reconhecem entre as pedras
o bilhete não lido: lembrança
anímica em gestos sem melodrama.

Mulher da vida
dizem antigas companheiras

mulher vivida
dizem inimigas antigas

mulher vívida
dizem homens
em desgosto

(empurram o corpo ao buraco
em repouso: cobrem
com a terra retirada)

Ao arrependimento cabem palavras
de moralidade. A mensagem
reescreve conceitos
desfeitos em miragens

antes que o mal se apresente
desfazem a competência
e se restringem em palavras
de animosidade

o altar reconhece o sacrifício
e a lâmina resvala o límpido
corpo ao pecado.

A mulher antecede ao tempo
permitido em gravidade: o filho nascido
ultrapassa o espaço em vingança.

PROCEDÊNCIA

Lugar nenhum trouxe o meu corpo
sou o todo espaço
aos pedaços
preencho o vazio
estabelecendo
minha marca

estou presente
como você, no sonho,
pensa em sonhos,
a minha ausência

lugares estendidos
a flexibilização da matéria
e o retorno em raios
ou feixes de luzes
sob as águas do hemisfério.



HÁBITO

Na hora anterior do espaço
abro o sentido do começo
e me esbaldo em afazeres

o doméstico domingo
conjura o perigo
de amanhã ser terça
ou quarta-feira

amacio a tormenta
em vidros fechados

amasso o papel
escrito em argamassa

na hora posterior
distraio o raio
e calo
sobre a cama:

amo a mulher
entre lençóis
e faço de conta

haver acobertado
o cansaço
amacio o frequente
gosto doce e azedo

amasso teorias contra o terraço

na hora consentânea
das arbitrariedades
faço-me ausente

transito reflexos
e me deixo levar
pelas águas
em correntes

(primeiro a acorrentar
águas passadas
revivo
o bastante considerado)

no primeiro instante
concedo a dança:

corpos sobrepostos
corpos cruzados
corpos desacostumados
ao contato

a janela combate a luz
em entretelas
cometo o crime
inicial da morte
programada

afasto de mim o entretenimento:

faço-me sério
e composto em ritos
gritos e riscos: anotações
baratas de tolices enunciadas.

a hora posterior pronuncia
penumbra e sorte

a hora posterior pronuncia
sentença e corte

a hora posterior inexistente
como lembrança

afago seus cabelos
e você sorri
entre dentes:

na manhã seguinte não serei reconhecido.

Amadureço horas vindouras
e as colho sobre alvos
atingidos em miras.

Na hora precedente desço
ao estacionamento: conduzido
em dissonante aviso de derrota.

FINS

A finalidade descreve arcos: consome mitos
abandonados em lembranças Escrevo saudade
e sinto a imensa perda de que sou recorrente

aos elefantes deixo o peso de serem animais
pacientes em desleixos Aos pássaros revoo
significâncias antes caia a noite sobre as árvores:
o tédio ensina ao impaciente o tamborilar
dos dedos na evocação do mistério

Não sei dizer das flores e frutos: cascas
controlam polpas e cercam o produto
no improdutivo sabor de antessalas

quem em mim abrirá a porta na passagem
do cadáver antes que saiam do corpo
o que exala Vida deixada em léguas
distanciadas Morte ante
provocações rasteiras

O mentecapto conhece as nuances
entre poderes e vírgulas deslocadas
não o aborrecem em consentimentos

a mulher chamada eva descortinou
a saliência escondida em sexos
no silêncio da madrugada

família transeuntes e transitadas
entre parentes no desconforto
de serem o mesmo sangue
que a genética iguala gerações

não me descubro atônito e perplexo
sou idade empedrada diante da porta
e o anfíbio em águas paradas
até que a sede me faça sair em passos
pela terra reafirmada

predo o horizonte em testemunhos
na injusta razão da permanência

qualquer dia serei futuro qualquer hora
serei espaço vago entre homens
desacompanhados e penso mulheres
na elaboração de vidas pregressas

o consolo resume aconteceres
até que a morte em vida diga
do movimento exterior do calabouço

acreditei estradas em andor e barro
até me fazer surdo em palavras
reencontradas em significâncias

nem hoje nem amanhã nem ontem
o tempo destoa pronúncias e anuncia
passagens em rápidas escalas
fui escolar com gosto de merenda
e trabalhei tintas e papéis

não me arrependo de haver deixado
o lado em contrariedades nem por haver
consumido a incerteza do progresso

regresso antes que anoiteça
regresso como outro
sempre regresso ao alvitre

às vezes me refugio em mim até
nasçam crianças saudáveis
de todas as maneiras e famílias

quem de mim se afasta em perspectiva
nota o descobrimento do meu corpo
em modificadas artérias e guelras

não me contenta envidraçar o horizonte
quero o ar filtrante dos agostos
na alimentação repleta em conta-gotas

absoluto no absurdo de não escutar
dizerem novidades Ouvi palavras
de desespero em discursos

A campainha desperta o melhor em mim
pela possível abertura da cela
onde me encerro: certa vez o espaço
vagou na minha frente: Corri o trinco
antes me chegassem motivos

Ir embora não me satisfaz o íntimo.

FUTURO

Pode não haver a certeza nem a dúvida
que o coração balança suas forças
na emoção de não se saber autônomo
afastado ou ainda levemente inclinado
ao saber que lhe fala de tempos idos
e matérias encarceradas em memórias

sonhos: óbolos entregues não em pagamento
na hipótese de que tudo mude
nas segundas coisas que vêm pelos lados
e nos cercam em ventos e barulhos
as primeiras silenciosas
resplandecem sóis que nos habitam
esteiras estendidas na entrada da casa
colhem dos pés os caminhos percorridos
nas pistas encontradas

perguntas das epopeias
respondem o acontecer do passado
no presente o nada representado
na imobilidade do corpo na calçada

no instante da fuga ou na cadeira
enquanto responde as perguntas
que não são simples as respostas

dos lados vistos avista a chegada
em bandos sujos gritos e lamentos
lamentações da vinda
era para terem ficado em suas casas
não poderiam ser alcançados
por isso vieram e chegaram pela conquista e fuga
corpos em linha reta até onde a vista alcança
prisioneiros de almas simples nas mãos estendidas
a brutalidade da fome avança sobre as pessoas
as faz bichos

não pode ter certeza pois as evidências são pela dúvida
antenas captam sons ininteligíveis
a criptografia em decodificação
pressa na conclusão dos trabalhos: vale a vida
vale a luz no final do dia
a conversa franca entre amigos
o silêncio monstruoso da noite escura

porque fizeram isso comigo mereço o prêmio
na placa colocada sobre a mesa
a extrema cortesia com que se afastam
os contrários derrotados

o estranho satisfeito sua boca cala palavras
perguntas cessam: teria o direito de não nos contar
a sua vida poderíamos forçá-lo com artimanhas
e persuasão: melhor deixá-lo livre em sua mesa
ver como se comporta com que mão segura o garfo
com que olhos dirige a cena a boca aberta ao alimento
na gola gotas de vinho sabemos a sua origem
a vertigem o cabedal colecionado em mortes

retira sua máscara: descoberto
sua face se apresenta em crises de choro e oferendas
em feios modos de se mostrar contrito
nossa história não vale nessa hora
de tempo presente
na certeza da morte sua fúria nos atinge
- não em gotas como vinho: jorra sobre nossas cabeças -
nos devora em imagens redivivas do passado épico
mentira o que nos contaram meros utensílios
dos poderosos: nossas vidas por isso

os meninos no terreno jogam bola
correm para todos os lados não somos vistos
meras lembranças misturadas ao pó da terra
a grama cresce por onde passam outros tempos
de horas diferentes em que alguém
sopra o apito e o juiz determina o local exato.

HABITAR

Sem que cada canto da casa
me seja permitido em resgates
ocupo o centro e me desloco
em corredores ao atingir
portas colaterais.

Habito o esboço reconstruído
em lutas onde me fixo. Tenho
por hábito conhecer
o fato em telhados
desprovidos de espaços.

Em cada pedaço menor
me encontro em escuros
passados não confirmados.

A casa permanece em olhos futuros
da construção desfeita em novos
prédios habitados por pessoas
desconhecidas.



O TOPO

O topo montanhoso descortina onde a vista alcança
nem mais um milímetro onde não se ouvem canções
 não dançam músicas feitas para o efeito
 de encantar corações a respiração ofegante
do ar rarefeito leva o alpinista ao sentido oposto
 da subida apoiando o corpo em mãos frias
 sobre os joelhos
 tentando recuperar o fôlego
 perdido na escalada

 o topo não acrescenta
 nada além de ser o topo
do mundo conhecido das nossas terras
 e dele poder contar aos amigos
 em alegres noitadas
 e em livros alegres
onde defeitos de equipamentos
 serão supervalorizados
 e o trabalho dos guias
 quase esquecido

o topo desencadeia a viagem de volta
quando passos estarão firmes
na busca do retrocesso necessário
ao cumprimento da última etapa
de retornar ao convívio
dos que lhe são caros
em amores e fadigas causadas
pelas intrigas familiares de quererem
e os de outras vezes
partilharem da alegria da casa

o topo da casa é a cumeeira
de onde pássaros observam
o cantar do galo nas auroras
e defendem seus corpos
em gritos e gorjeios
de sincopados sons
de estamos aqui e temos a melhor visão
e predadores ao se aproximarem saberão
que aqueles fugirão à tempo e hora

o topo da casa é o centro
onde se iludem os que moram
fossem estrelas sem brilho

cascalho desprezado e os menores sentimentos
espelhados em vidraças embaçadas pela poeira
com que ventos fecham os caminhos
evitando que os seres queiram se aventurar
aos cumes aos cimos e ao topo

o topo de tudo é resultado
maltratado da ansiedade
impondo seu ritmo suficiente
para fazer de conta que subir à montanha
centraliza e mentaliza a imortalidade com que a neve
lá se acumula em grossas camadas
enquanto a terra prossegue
em seu caminho de ciclos
indevassáveis ao conhecimento

o topo se reveste de estreitos
caminhos e largos momentos
em que a desistência se apresenta
em temores e orações primárias de todos os medos

o topo é o reverso da base
invertida na acomodação
delicada com que o planeta
permite que vivamos enquanto tentamos topos
cumes e cimos sem barreiras
e consequências

o topo atravessa o poente
e descamba em ocasos
descabidos pois é dele
o nascer e o morrer em cada dia

o topo fica registrado
em mapas geograficamente
desenhados de linhas
confusas e parafusos
são colocados como pregos
em cada fenda permitida

o topo acima e abaixo
remete o corpo ao abismo
e retira a vida em outros ares.

RAYSSA

Na rapidez com que refaz o gesto
a vida se aprofunda
na barafunda
inconsciente do futuro

gestos não permanecem
nos olhos que ainda veem
os traços passados

entenece o espanto da passagem
e se verá ao longe
firmando horizontes
de onde o dia
se faz novo em cada passo

arrisca e ganha
o avançar
o abrir
o abrir-se
descobrir-se
no tempo
adiante

gestos largos desfeitos
em areias de claras praias
avistando a água
vista na paragem
e barcos somem ao largo

seus os anos de coragem
antepostos ao adulto
que se apresentará em dia próximo

aproveite o ensejo e despeje sobre si
as cores recolhidas
os papéis picados
os segredos ao serem desvendados
e o conhecimento perguntado
em estrelas cadentes
da mais alta torre do castelo

reflita se sua imagem
é suficiente para a partida
e no desenrolar da festa encontrará
outros brilhos e fugirá ao opaco
dos que se fizerem velhos
antes do acontecido

tem o destino e dele faz a consequência
dos desdobramentos aptos aos saltos
com que legendas se fazem breves
e da conversa fluirá o texto
definitivo das chegadas

lembre o que disse o Coelho à Alice
e se empolgue com o trajeto
de todas as maneiras os pontos chegarão
nas horas apontadas
das correções dos ponteiros

não as abrevie em seriedade
e dos desencantamentos
passe ao largo
que bruxas estão soltas
petrificadas em passados

deseje o futuro e o terá presente
em nortes e nordestes
apontados em bússolas
e na bagagem tenha
os acidentes do percurso

agora aproveite o tanto
que lhes oferecem
e faça do instante o restante da fantasia

aos dias quando clareiam
cabem funções maiores
de iluminar caminhos
e manter acesa a chama
com que a juventude se apresenta

estratificados gestos
que os braços se abrem em abraços
e abarcam a totalidade.

COMPETIÇÕES

Aos vencedores dedicam hinos
pátrios de reconhecimento aos demais
participantes o direito de esperar
a próxima oportunidade

aos pacientes escorrem horas de assistências
e neles buscam resistências e renovações
aproveitadas em luzes apagadas

aos candidatos aos títulos
oferecem pugnas emblemáticas
onde fenecem sonhos e a regularidade
ultrapassa os limites organizacionais

aos oportunistas a hora é de indecisões
infiltrados em defesas carismáticas
das hordas inimigas acostumadas
aos combates inerentes ao perigo

aos vencedores restam ecos das lembranças
em que derrotas são esquecidas rapidamente
pelo tanto oferecido à glória efêmera

aos conscientes descobrem ofertas inigualáveis
fazendo recuar suas virtudes ao descalabro
de corpos transpostos em máquinas
não inerentes à raça humana

aos atrasados sobram razões para lembrar
a hora da largada em que se alinham
todos na mesma hora

as agonias se apresentam na fatalidade
com que pontos obtidos são convertidos
de imediato em negações e lágrimas

aos aparentes luzes são a validades
de estarem presentes e suas faixas
abertas ao mundo representam o motivo
para dizer presente e ausente ao tempo
ocorrido entre a partida e a chegada

aos vencedores dos extremos agradecimentos
em voz embargada na crença do futuro
resolvido e atenuado na apoteose da chegada

as travessuras da infância esquecidas no uniforme
envergado com orgulho
e na certeza de que a velocidade

imprimida ao passo é a vontade apontada
aos transeuntes tanto faz ir ou ficar estático
junto ao sinal luminoso que determina o passo
avançado dos atrasos e das encostas

aos amaldiçoados apurados em químicas
irreais das instâncias inferiores dos pecados
a repetição nos materiais coletados aprova
e aponta na direção errônea dos entraves

as coerções sofridas no desenvolvimento
calculado à obtenção do máximo rendimento
residem destruições e trastes desaproveitados

aos vencedores dizem da frieza compulsiva
norteadas nos olhos fixos em fitas de chegadas
nos pesos carregados e nas piruetas oblíquas
que obrigam seus corpos castigados

aos amainados espíritos sobram passeios
entre jogos e no olhar ao onde repousa
a moça cansada de tantos resultados

as efetividades são recompostas logo
voltem para casa e medalhas são depositadas
em posições de altares nas paredes
recobertas em fotografias e pôsteres

aos carregadores materiais cabe o direito
de usufruir uniformes velhos e rasgados
e dar fim aos sapatos utilizados no limite
dos desgastes em pés acantonados

aos perdedores as repetições indicam a necessidade
de se sentirem parte integrante da homenagem
e desfilarem em carros abertos pelas avenidas
isentas de responsabilidades e prazeres

aos vencedores reside a dúvida de continuar a pugna
ao voltar à realidade que toma conta
das incertezas quando mostrada a hora
dos reconhecimentos e renovações dos contratos.

SOB A PEDRA

Sob a pedra o húmus
com que satisfeita a pedra
rebrotava a planta
enfeitando entre as pedras
o caminho

passo
piso
destroço
a planta
no trajeto
com que a jornada
se aparenta
húmus
sobre a pedra
e tento renascer
em planta
enfeitando caminhos

o passo rápido
com que piso
a terra
evita que ela rebrote
em nova planta

onde piso
o passo
sem terra
rebrotou
em húmus

que da terra
ao trajeto
o caminho
alardeia
passos

o piso
inconstante
com que a terra
rebrotada
em plantas
sabe o passado

o passado
pisado e rebrotado
redime o trajeto
e encobre o húmus
em pedras

das pedras em si
nada sei além
de que cobrem o trajeto
e sob elas o húmus
tenta rebrotar a terra

pisadas pedras
desgastadas em passos
de caminhos tracejados
em úmidos trajetos

ao húmus na terra
cabe o início
e o fim da trajetória

na pedra áspera
em superfície
está o encontrar
do húmus

rebrotando o passo
em novas pisadas

reaberto o passo
recomeça o traço
se da terra brota
o húmus sustentado
e a pedra cobre
o que foi pisado

SOBRE ENCALHES

Certas possibilidades compartilhem azuis celestes.
Mesmo que ante o entardecer alguns se deixem
ficar mesmo que ao ficarem sejam alvos facilitados
em controvérsias
e parcelas mensais.

Meu mundo é outro (diz o peregrino)
e o outro entende que assim
sendo cedo caminhariam
entre nuvens poeiras e esquinas.

Não bastam os azares. Procuo
a necessidade de estar presente. Onde me repito
crescem heras antepassadas em tesouras.

O viço aprendido cedo
se desdobra: alguns insetos teimam

luzes e por isso tocam
meu corpo. Meus dedos os empurram
pela pele. Meus pelos se eriçam

desde que algo aconteça ao mesmo
tempo (a palavra maldiz o enxerto das flores).

O corpo da mulher que amo repousa
graças em lençóis e ares acondicionados. Meus
olhos repousam seu rosto. Minhas mãos encontram
sustento. Minhas pernas entrelaçam. Acordados

em nós nos divertimos
ao dia nascente. Noites
nos esquecem em sonos
ocorridos no presentear
vozes que se encontram.

Levo anos pensando mesmas razões
o que me irrita diariamente. Não descanso
enquanto decorro temas permanentes. Sei da vida
o bastante para me fazer textual. Ou contexto.

Existem ofertas de boas compras.
Inexistem descontos.
Juros são decorrências.
Minha correção é desculpa
incoerente e fraca.

Aos olhos ocidentais dispenso a culpa.
Pela simplicidade do pecado
o ódio acentuado atenua.

Portas abertas permitem.
Livros folheados omitem.
Rimas apenas submetem
o declínio das inverdades.

Pelo menos posso levar o gesto
condoído na trapaça. Bebo
desencontros na lembrança de quando
não me fazia parte em mais nada.

São palavras dizia meu pai em conforto.
Como se dizendo parágrafos
deixavam de ser forma e se tornavam
substância de algo definível: meus olhos
confrontados em desvios souberam
dos perigos. Aventuras cabem em ocas
cabeças. Diversas em atitudes miudezas
contam pedaços restante sobre
a mesa. Li o que me foi prescrito na fome.
Diante da incerteza busquei auxílio
nos prefácios. Enganei capítulos: enfileirei
personagens em fuzilamentos.

Sempre entendi o provisório. Mesmo
que meus pais me sugerissem distância
e coerência. Alegavam frios e calores
nos diagnósticos parcialmente
desprovidos de sentenças.

Na dúvida ao atravessar as ruas
olho para os lados e me defronto
espaços múltiplos. Não me bifurco.

DÚVIDAS

a dívida
como pagarei essa dívida
multiplicada em mortes
apropriações e traições

somos amorosamente suscetíveis
somos a fragilidade física
e os sinos dobrando em despedida

a dívida
sobre a dívida e seu pagamento

a vida se apresenta em músicas
de cabarés baratos de beira de estradas
e que chamamos de nossa terra.



JÓIAS

O ourives cuidava das suas joias
e as elaborava fosse o beijo
na mulher que amava
ou o copo de vinho
durante as refeições

satisfeito com suas obras
as artes sendo feitas
durante as manhãs e as tardes
na noite descansava
ao lado da mulher que amava

os barulhos da noite
soturnas horas
de todos os relógios
o escuro do lado de fora
a luz apagada dentro do quarto

a mulher amada perfumada
e macia
ao lado na cama
sua maior joia

o ourives trabalhava na pequena oficina
ouro em pó a liga a balança de precisão
o monóculo de aumento
a lente auxiliar
o fogo
e o cadinho
a mulher que ele amava
cuidava da casa
era o seu lar
e a comida vinha em cheiros
ao finalizar a manhã

o ourives descansava após o almoço
o suficiente para repor suas forças
ou para se encontrar
com a mulher que amava

o ouro trabalhado as pedras preciosas
a composição e os engastes
o engate final da pulseira
e do colar

o ourives atendia os clientes
ouvia seus pedidos
entendia suas necessidades
e fazia seu trabalho
conforme a encomenda

no meio da tarde
a mulher que ele amava
ia até a oficina
nos fundos da loja
e lhe trazia o chá
quente ou frio
dependendo da estação
e as bolachas de sempre
doces ou salgadas
conforme a ocasião

os clientes entravam na loja
anunciados pelo sino
colocado entre a porta
e a entrada
o ourives saía da oficina
e os atendia

alguém buscava a joia do conserto
outro procurava uma joia para presentear

o ourives trabalhava todos os dias
e acordava cedo pensando nas obras
que faria durante o dia

a mulher que amava cuidava da casa
alimentava os filhos os levava
ao colégio onde se despedia deles

feliz o ourives
família feliz

o sino badalou mais uma entrada
da cozinha no fundo da casa
a mulher que amava ouviu
ninguém surgiu do fundo da sala
e a oficina estava em silêncio
as joias foram penhoradas
poucas permaneceram na família
e a ourivesaria foi fechada
os filhos e a viúva não tinham
tradição para os negócios.

SENDO EU E SENDO ONTEM

Sendo eu
e sendo ontem

dispersa distância
em afagos e mentiras

sendo ontem
e sendo eu

malgrado seja o início
do que não começa
por acaso

sendo eu
e sendo ontem

desdouro
e casamata: luta incruenta
no que penso estreias
e despedidas

sendo ontem
e sendo eu

antes aconteçam esperas
antes se façam tardios
antes se aproveitem da insensibilidade

em palcos de priscas eras
remontada em eras remendadas

sou eu
e sendo ontem

o sabor acentua o gosto
o desgosto acentua o exposto
gesto de contrição e bobagens

não me anoiteço
após o desdito
não me abraço
ao sempre dito

sendo ontem
e sendo eu

a condição anômala
se concentra: erros
mitificam abstrações

além de mim está o ego
além do ego estou assim

sentado ante a porta
que se abre em corredor
exteriorizado ao léu

sendo eu
e sendo ontem

valem verdades duradouras
e barcos em atracadouros
recusam âncoras
navegam inexistires em sereias
mudas de novidades: alteram
rumos e se aprumam em ondas
de descobertas bússolas

sendo ontem
e sendo eu

mais do mesmo e menos
sonho tempestades em espaços
esvaziados de firmamentos

o acordar satisfeito de quem se fez
esteta: estático gesto de quem se agarra
ao último suspiro

sendo eu
e sendo ontem

o acordo pressupõe vontade: não a imposição
da parte fortificada em argumentos. Não
a compensação pelo dano infligido. Não
a condição de quem se arruma para a festa
e morre antes da saída.

PARTILHA

Reconheço o espaço
onde me reparto: hoje
aqui me aguardo

em que situação me escondo
se ontem me disse ausente

em sã consciência derrubo árvores
dogmáticas. Sei que a incerteza
conduz a glória do senhorio
que em palavras antigas
alega impropriedades

minha primeira parte é o todo
com que me defendo

em cada proximidade me ausento

tiro o sustento da casca
até o osso
enquanto escuto
músicas balançando

o corpo: exercito a mente
e recreios e vejo o açucareiro
ser esvaziado em cafés
raramente bebidos
no emprego
escravo do que escrevo
forneço vagares aos espíritos
que me abandonam no primeiro
grito: a primazia me faz contemplar
a imensidão do quarto

são fechadas janelas que permitem
excessos. São portas abertas
que ofendem quem passa: cumprimentam
com a cabeça e desdizem bons dias

minhas partes essenciais
no descalabro em que minto
essencialidades. Acredito
na sinceridade do corpo instalado

sobre a cama durmo
acidentes e sonhos
nas raras vezes
em que me detenho
na responsabilização
do sono.

Descaso: digo palavras
ofensivas e ataco
em defesa. Sou oferta duradoura

porque me sei efêmero. Certa
vez quebrei o osso do braço.

Cada vez
lembro da promessa
no primeiro encontro. Minha parte
principia no esforço com que me esgarço
em vozes permanentes.
Nunca emudeci antes do tempo.
Não pertenço ao tempo.
Não temporizo.

No primeiro sinal de calma
desfraldo velas e sopro qual
o mito a reiniciar o ciclo
das divindades

sossego amizades. Resfrio contatos.
Sou como dizem que sou. Por vezes
difiro um pouco da semelhança: vozes
desordenam a completude com que penso
organizações desnecessárias.

A travessia é oposto como a permanência
é aposta. O posto de comando reflete
o medo de ser seguido. O conseguente
reafirma a sequência: nada mais.

Quem de mim se faz parte contempla.
Quem contempla em mim a parte.
Quem da parte se faz contemplação.

Mistério: nenhum dia da minha vida
foi utilizado como desculpa. Não jogo dados.
Não alvejo dardos. Embranqueço
a similitude entre o medo e a insegurança.

Minhas mentiras se oferecem à primeira inverdade.
Assim sobrevivo: entre passagens e regressos
ou no escutar o que dizem os mais velhos.

Meu coração se reparte em amores e desdobramentos
atingem a contradição: sou enigmático em
transparências.

(O homem se aproxima do seu destino e descobre
o velho em que se transforma aos poucos)

A inconstância faz parte – menor e imprópria –
da minha sina: ontem estive aqui pela primeira vez
e foi prazeroso ter por companhia o seu esquecer.
Hoje e amanhã também estarei por aqui e assim
sucessivamente até que me expulse como ao cão
silencioso que dorme junto à porta. A porta
serve à casa: serviço feito com apreço.

Minhas partes se confundem no encontro
e vejo
ouço
digo
e cubro o rosto
ante a luz artificialmente acesa: velo o recolhimento
do corpo no desespero de me saber vivo
e atuante: agente canhestro dos adjetivos

coloco a pontuação antes da finalidade
ao esquecer que moralmente insano
são versos rigidamente colocados
em métricas: ritmados no cansaço
de serem partes em mim.

HORA TARDIA

Quando na hora tardia
do entendimento tem a explosão
reflexiva do distanciamento
visto na infelicidade da imagem:

afastado das mesmas coisas
sofre a interioridade do abismo
na solidão inflada pela multidão.

Palavras de honra refluem promessas
e na hora subsequente cobram
o ânimo e o preço da indigência.

Não percebe a saída e a entrada
atravessada em fatos imaginados
e não provê o gosto e a saciedade.

A infelicidade em identidades
falsificadas o coloca sob a ótica
repetitiva dos ponteiros do relógio.



(A)FINAL

O périplo me confunde: conduzidas figuras
no espírito necessário ao aprofundamento
do desconforto: afinal.

Maria é nome comumente usado em homenagem.
Amar ao próximo na condução dos negócios.
Desdizer o lucro ante a possível
vida posterior. Orações dirigidas.

O homem no banco da praça é desinteressante.
Seu desinteresse se contrai na serena oportunidade
de ficar olhando as pessoas passarem
e irem e voltarem. Até que cansada a vista
se despede em volteios. Ajusta o cós
e seus passos não indicam
solução e tédio.

Minha voz canora expande canções.
Vocês compreendem minha necessária e oportuna
saliência calosa. Antes do amanhecer
estarei em casa como sempre.
Outra vez a vontade do palavrão sai à boca pequena.
Talvez uma noite ou outra grite inverdades

e diga putarias. Bêbado em mim mesmo
consiga ultrapassar o portal
em desonra: tenho conhecidos confundidos
em éticas estéticas de amoralidades.

O cão deitado diante do banco da praça contempla
o homem sentado no mesmo (e outro) banco: cala
sua inconsequência e espera por amostragem
o caminho: qualquer sentido.

Desnutrido em elogios o epíteto se desdobra
em abraços: beijos também. Calçada porta
entreaberta. A pedra sustenta a possível
fuga e a possibilidade do retorno. Volto
sobre meus sapatos o direito de empurrar
a pedra ao contexto: a porta da rua
serve ao senhorio. Não a casa.

E se não conseguir revolver a terra do jardim?

A menoridade explicita razões menores. O onomástico
coloca o nome diante da perspectiva do engodo. Lucram
pessoas de mesmos nomes e o objeto morto
em si é coisa desguarnecida: isso mesmo.

Ao crescimento acrescentar a idade. O idoso
recruta espaços em curvaturas. Esquecer o dia seguinte
transmite emoções. Lembranças – entretanto – afagam
o ego na situação revivida. Mesmo desfavoráveis.

- Minhocas colocadas aos pedaços. Peixes recolhidos
em saltos. Bebida resfriada. Cheiro de gordura.
Sobressaltos na linha distendida. A canoa
virada no meio do rio. A correnteza não se importa
nem se coaduna com a respiração ofegante
do naufragado. Nem peixes renovam
as águas. Ou expelem o ar atravancado
nas guelras. O lampião perde a chama.

Quando disserem vão em frente, recuem. Ordens
contraditam inseguranças. Mulheres nuas cuidam
da saúde: procuram ambientes esquentados
em dinheiros e promessas. Só a bebida enregela
as mãos de quem sucumbe esperas. Copos
pela metade ostentam a consciência
rompida em diques. Recuar oportuniza
dizer do heroísmo a história amordaçada.

Sinto na fotografia – Lee Miller – o passado
diagramado em sensores. Se aquela mulher

ousou ser chamada de fêmea em profissões
até então conduzida aos homens é que
sua habitual feminilidade comprovaria
o invariável: condicionais repostas.

Homens passam: cordas sustentam
a necessidade da pintura: olhado de fora
o prédio demonstra cicatrizes. Tempos
melhores oferecem cores novas. Na hora
do almoço homens dispensam as cordas
e ficam sentado sobre a laje olhando
paisagens restritas em novos
prédios: oportunidades.

Aquele que escuta músicas sabe ouvir
o passado. Não o acontecido. O sonhado.

Penso em trocar letras. Desmontar palavras.
Dar significância em entrelinhas e deixar
espaços em branco. Penso em pintar
rebordos e desenhar recém-nascidas
ideias antes que cresçam e corram
mundos imprevistos. Penso deixar
tudo como está e me refestelar
com o doce de figo: cristalizar.

São animais que se desgarram
a permitir domésticas incursões.

Não houvesse a necessidade do alimento
me faria asceta. Não fosse o excremento
teria comigo a luz dos cometas. Teria
partido em barcos e ônibus e até
caminhado ermos trajetos desprovidos
de alimentação e casas de banho.

Tenho necessidades físicas
fisiológicas
concretizadas
no elementar acerto de contas:

permaneço com fome a quase
totalidade da abstinência: salvo engano
me afogo em sucos
e sopas. Mastigo línguas decompostas
em molhos. Queijos e vinhos. De onde
vem a inconstância dos seus olhos
residem ditos impopulares. Sei.

A totalidade reflete horas decorridas.
A obviedade cerca o menino
que guarda no bolso
o inseto morto.

Não a fortuna
como herança. Não
a imprevidência. Não a morte
em duras batalhas.

A carcaça do inseto é futuro
desprezo pela consequência.

Brinquedo e fruto. Investigação
e tédio. O menino guarda
a possibilidade da tarde.
Deposita o inseto no fundo
da gaveta antes a mãe
recolha a calça para ser lavada
do que o menino trouxe da rua.

Meninas saltitam brincadeiras
em apartamentos minúsculos.
Pobres meninas. Na pobreza
da viela descalçada em pés
meninas se guardam
em medos: o espaço
desocupa suas mentes.

Amigos se desocupam em conhecidos
nomes que se repetem. Desconhecidos
fazem parte do elenco daqueles amigos

a serem conquistados. Toda besteira
traz ensinamentos e repetições.

Canso as pernas em fugas.
Alguns são representações genéricas
dos adjetivos. Ostentam uniformes
e dispensam verbos. Correm
sobre águas. Outros sucumbem
espantos em qualquer
circunstância: fáceis
condutores.

Quanto mais antiga a música
menos lembro das árvores
da infância. Entorpeço
concomitâncias. Preferia
não verbalizar sentires.

Cachorros soltos em ruas presas.
A inconstância das notas de cinquenta
valores. Selvagens reconduzidos.

Minha escala de valores. Degraus
levavam ao porão: umidade
e escuridão. Garrafas enterradas.
A garrafa recolhida na caçamba.
Poços desativados. Lacre.

Havia jardim e quintal. Pátio
interno. Colégio interno.
O intervalo.

Menos da metade: percurso medida copo vida.
Além do contido: derramado em demandas
sofre punições e benesses. Espíritos
diversos ao acontecimento. Estampido.

Sempre e sempre e sempre.
Mortes anunciadas. Nomes denunciados.
Dedos duros. Estopim. Espantalho.

(Naquela noite não me deixaram sair.
Haveria briga. Tiros. Pauladas. Puladas
de cerca. O diabo solto assumiria
formas indistintas: autoridade
e autorizado séquito de inábeis
artistas e artífices). O medo habitava
os poucos recursos de que dispunha
para o futuro. Até hoje me recuso
ao demônio das coisas feitas
e da unicidade dos versos.

Meia dúzia de palavras e o sono corre
solto. Entre grades a (i)(a)moralidade
esconde garras

mapas
desenhos
velas inacessíveis
ao vislumbre das novidades. Grupos
escolares dissertam assuntos apreendidos
em professores: o desperdício
se completa em obras
publicadas. A aprovação
descontada das horas
dormidas ao desconexo.

Procuro conhecer a opinião da maioria.
Deslumbrado em iniciativas
vislumbro a inépcia: arco
inconsistências até o frigrir
dos ovos. Quebro cascas.

O lado encerra quartos crescentes:
a mulher consente em degredo.

O SER E A ANSIEDADE

O ser passeia sua ansiedade
na descoberta do incerto espaço
preenchido com palavras ávidas: a vida
obedece trâmites na finitude.

Sabe ouvir diásporas
em fronteiras acondicionadas em ares
e águas. Terras descobertas no vivenciar
da oferta. Demanda o desobedecer
ao se ver dividido entre ser natural
e a artificialidade destinada.

A angústia do descobrimento.
A verdade infortúnio da chegada
da pedra além do espaço.

Sua palavra pensada e desdita.
A insignificância do que pode ser dito
em vozes alteradas no diapasão
em que sons se fazem aparentes.

O ser anseia no passeio descobrir
valores aproximados. Entrelinhas.

O entretanto na fórmula obediente
ao prêmio. À coragem resta
reformular a conceituação
do espaço.

Não ir além do silêncio.

Ao ser interessa esquecer
a fronteira por onde passeia
a forma desconstruída
dos caminhos: meandros atribuídos
ao caos reorganizado em atos
na publicação da essência.

O ser tem consciência do oportuno
ao fugir à continuidade de isso
e aquilo. Transcende ao óleo
na testa. Atesta a deformação
do espírito antes apagadas as luzes
multiformes dos adjetivos.

A angústia e a ansiedade completam
a descoberta de que aqui e além
fronteira remanesce o discurso.

ALGUMAS OBRAS DO AUTOR

Poesia

Os Objetos e as Coisas
A Casa das Gaiolas
Seres
A Obra Nua
A Palavra do Nome
A Criação Estética
Marina em Poemas
Brevidades
Via Rápida
Iguais
Palavras Desenhadas
O Descrédito e o Vazio
Tânia
O Livro Infundável e outros poemas
Poemas
Construção do Gesto
Coleção de Palavras
Imagem & Reflexo
De Mãos Dadas
Tristeza e Mínimo e a Menor Parte

Contos

Em Contos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Pedro Du Bois, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Participante do Projeto Passo Fundo.

<http://pedrodubois.blogspot.com>



...

*Acompanhar em céus
de outros tempos o descompasso
em ser a humana configuração
do conflagrado: olhos
sobre sombras em pecado.*

